



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

**O TRABALHO DE CAMPO NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFPB: UM
INSTRUMENTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE
GEOGRAFIA**

ARALY CRISTINA ÁVILA DOS SANTOS ARAÚJO

João Pessoa – PB

Abril de 2013

ARALY CRISTINA ÁVILA DOS SANTOS ARAÚJO

**O TRABALHO DE CAMPO NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFPB: UM
INSTRUMENTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE
GEOGRAFIA**

Monografia apresentada á Coordenação do
Curso de Geografia da Universidade Federal
da Paraíba, para obtenção do grau de bacharel
no curso de Geografia.

Orientadora: Dra. MARIA DE FÁTIMA DE ALBUQUERQUE RANGEL MOREIRA

João Pessoa – PB

Abril de 2013

C198m ARAÚJO, Araly Cristina Ávila dos Santos.

O Trabalho de Campo no Curso de Geografia
da UFPB: Um Instrumento Didático Pedagógico na Formação do
Professor de Geografia– 2013. 80 p.

Orientadora: Maria de Fátima de Albuquerque Rangel Moreira

Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba
Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas e da Natureza,
2013. p. 80

1. Trabalho de Campo. 2. Espaço Geográfico.
3. Geografia e Ensino.

Universidade Federal da Paraíba.
Centro de Ciências Exatas e da Natureza.

CDD: 330.91732

TERMO DE APROVAÇÃO

ARALY CRISTINA ÁVILA DOS SANTOS ARAÚJO

Monografia aprovada em 22/04/2013 como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel no curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Banca Examinadora

Orientador (a) Prof^{ra}. Dr^a. Maria de Fátima de Albuquerque Rangel Moreira
(Universidade Federal da Paraíba)

Prof. Dr. Richarde Marques da Silva
(Universidade Federal da Paraíba)

Prof. MSc. Marcelo Oliveira Moura
(Universidade Federal da Paraíba)

NOTA: _____

DEDICATÓRIA

Primeiramente dedico este trabalho a Deus, que me permitiu ao longo do curso, dedicação e paciência nos momentos mais difíceis, pelas parcerias e amigos que conquistei, pois sem Ele nada disso seria possível em minha vida. Obrigada Senhor por todos os momentos que desfrutei, todos foram importantes no caminho que me permitistes trilhar até aqui.

DEDICATÓRIA ESPECIAL

Dedico este trabalho em especial a minha família por fazerem um grande esforço em deixar nossa cidade natal (Teresina-PI), nossos parentes e amigos, para dar a oportunidade aos seus filhos, de ingressarem na universidade. Agradeço aos meus pais Pedro Antonio dos Santos Araújo e Regina Célia Ávila Alves Araújo por me educarem com amor e dedicação, por confiarem que eu buscasse meu próprio caminho e junto com Deus segurar minha mão e me auxiliar a passar por alguns dos obstáculos da vida. Agradeço e dedico este trabalho também aos meus queridos irmãos e amigos que conquistei aqui em João Pessoa-PB, a turma da Galera lá de Casa.

.

EPÍGRAFE

Poema de Chico Xavier

*Que Deus não permita que eu perca o ROMANTISMO,
mesmo eu sabendo que as rosas não falam.*

*Que eu não perca o OTIMISMO,
mesmo sabendo que o futuro que nos espera não é assim tão alegre.*

*Que eu não perca a VONTADE DE VIVER,
mesmo sabendo que a vida é, em muitos momentos, dolorosa...*

*Que eu não perca a vontade de TER GRANDES AMIGOS,
mesmo sabendo que, com as voltas do mundo, eles acabam indo embora de nossas vidas...*

*Que eu não perca a vontade de AJUDAR AS PESSOAS,
mesmo sabendo que muitas delas são incapazes de ver, reconhecer e retribuir esta ajuda.*

*Que eu não perca o EQUILÍBRIO,
mesmo sabendo que inúmeras forças querem que eu caia.*

*Que eu não perca a VONTADE DE AMAR,
mesmo sabendo que a pessoa que eu mais amo, pode não sentir o mesmo sentimento por mim...*

*Que eu não perca a LUZ e o BRILHO NO OLHAR,
mesmo sabendo que muitas coisas que verei no mundo, escurecerão meus olhos...*

*Que eu não perca a GARRA,
mesmo sabendo que a derrota e a perda são dois adversários extremamente perigosos...*

*Que eu não perca a RAZÃO,
mesmo sabendo que as tentações da vida são inúmeras e deliciosas.*

*Que eu não perca o SENTIMENTO DE JUSTIÇA,
mesmo sabendo que o prejudicado possa ser eu...*

*Que eu não perca o meu FORTE ABRAÇO,
mesmo sabendo que um dia meus braços estarão fracos...*

*Que eu não perca a BELEZA E A ALEGRIA DE VER,
mesmo sabendo que muitas lágrimas brotarão dos meus olhos e escorrerão por minha alma...*

*Que eu não perca o AMOR POR MINHA FAMÍLIA,
mesmo sabendo que ela muitas vezes me exigiria esforços incríveis para manter a sua harmonia.*

*Que eu não perca a vontade de DOAR ESTE ENORME AMOR que existe em meu coração,
mesmo sabendo que muitas vezes ele será submetido e até rejeitado.*

*Que eu não perca a vontade de SER GRANDE,
mesmo sabendo que o mundo é pequeno...*

E acima de tudo...

*Que eu jamais me esqueça que Deus me ama infinitamente,
que um pequeno grão de alegria e esperança dentro de cada um é capaz de mudar e
transformar qualquer coisa, pois....*

A VIDA É CONSTRUÍDA NOS SONHOS E CONCRETIZADA NO AMOR!

Amorosamente,

Francisco Cândido Xavier

AGRADECIMENTOS

Agradeço todos os dias a Deus por encontrar aqui em João Pessoa-PB um lar cheio de amor e conforto, por Ele me proporcionar muitas conquistas, acreditei que Ele sempre esteve ao meu lado, me escutando em minhas orações mais silenciosas, pois tudo aquilo que mais desejei foi realizado no tempo certo.

Como ponto de partida, acredito que para existir pesquisa científica é necessário um bom tempo para a sua construção, o nosso envolvimento com tal empreitada, que é de fundamental importância, assim como nosso envolvimento e cumplicidade com pessoas que nos auxiliam nessa experiência. Sendo assim, espero não deixar ninguém de fora. Agradeço, pois, em primeiro lugar, a dois professores de Geografia que fizeram parte de minha trajetória de vida acadêmica e que fizeram a diferença na construção da minha caminhada acadêmica. Ao professor do ensino médio José Egnaldo pela inspiração na escolha da Geografia como profissão e paixão e em especial a professora Dr^a Maria de Fátima de Albuquerque Rangel Moreira, minha orientadora e amiga, por me ensinar valores e por me orientar em meus trabalhos na graduação e nesse trabalho de conclusão de curso, obrigada por toda paciência, amizade e confiança em mim depositados. Aos professores do Departamento de Geociências, professor Dr. Giovanni de Farias Seabra por me ceder espaço nos congressos fascinantes de Geografia por ele organizados e aos professores MSc. Marcelo Oliveira Moura e Dr. Richarde Marques da Silva pela contribuição na minha pesquisa da monografia. Ao meu grande amigo Diego de Oliveira Silvestre pelo apoio e auxílio na construção e desenvolvimento da minha monografia. Obrigada pelo empenho e dedicação demonstrados, para que assim eu pudesse obter meu título de bacharel em Geografia. Aos meus queridos amigos geógrafos que conquistei, Larissa Barreto, Amanda Medeiros, Cristiane Dias, Thiago Araújo, Celio Bezerra, Danilo Coutinho, Paulo Vitor, Marcelo Oliveira, Brunno Silva, Ina Maria e em especial as minhas duas amigas Violeta Brito e Denise Severo por formar junto comigo o tripé geográfico, obrigada queridas amigas por estarmos sempre juntas no decorrer do curso, pelos finais de semana dedicados aos trabalhos acadêmicos e aos dias maravilhosos que passamos na universidade.

RESUMO

O presente estudo investiga e analisa a importância que o trabalho de campo exerce na formação do estudante do curso de Geografia da UFPB. O trabalho de campo como instrumento didático pedagógico, amplamente utilizado no curso de geografia se constitui um dos métodos de ensino-aprendizagem para formação do professor em todos os níveis, do ensino Básico ao terceiro grau, uma aula prática, cujo laboratório é o espaço geográfico natural. Este trabalho tem como objetivo principal fazer um levantamento das disciplinas do curso de geografia que realizam o trabalho de campo como um instrumento didático pedagógico voltado para a formação do professor de geografia e analisar a importância desse trabalho de campo como método de ensino-aprendizagem capaz de instrumentalizar o futuro professor na prática da aula de campo. Outro objetivo do trabalho é mostrar a necessidade da inclusão do trabalho de campo como disciplina da grade curricular do curso, inserindo-a no PPC – Projeto Pedagógico do Curso de Geografia da UFPB.

Palavras Chave: Trabalho de Campo, Espaço Geográfico e Geografia e Ensino.

RESUMEN

El presente estudio investiga y analiza la importancia de la salida de campo en la formación de los estudiantes del curso de Geografía de la Universidad Federal de Paraíba - UFPB. La salida de campo es un instrumento didáctico pedagógico, ampliamente utilizado en el curso de geografía y, constituye uno de los métodos de enseñanza y aprendizaje para la formación de los profesores en todos los niveles, de la educación básica hasta el tercer ciclo, una clase práctica, cuyo laboratorio es el espacio geográfico natural. Este trabajo tiene como objetivo principal hacer un levantamiento diagnóstico de las asignaturas del curso de Geografía que practican la salida de campo como un instrumento didáctico pedagógico orientado hacia la formación del profesional de la geografía y analizar su importancia como método de enseñanza y aprendizaje y saber cómo este método puede instrumentalizar el futuro docente sobre la práctica de una clase de campo. Otro objetivo del trabajo es mostrar la necesidad de la inclusión del trabajo de campo como asignatura del plano de estudios del curso, insertándolo en el PPC - Proyecto Pedagógico del Curso de Geografía de la UFPB.

Palabras clave: Salida de Campo; Espacio Geográfico; Geografía y Enseñanza.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Esquema da porção representativa da população.....	41
FIGURA 2 – Vista Parcial do Rio Paraíba.....	62
FIGURA 3 – Assoreamento do Rio Paraíba.....	63
FIGURA 4 – Assoreamento do Rio Paraíba.....	63
FIGURA 5 – Rio Jacuípe e Ponte do Rio Jacuípe.....	64
FIGURA 6 – Fragmentos de Mata e Áreas devastadas próximas ao Rio Jacuípe.....	64
FIGURA 7 – Influência da ação antrópica às margens do Rio Mangereba.....	65
FIGURA 8 – Vista sob a ponte do Rio Mangereba.....	65
FIGURA 9 – Monocultura do coco e canal de irrigação.....	66
FIGURA 10 – Canal de irrigação do Rio Jacuípe.....	67
FIGURA 11 – Fazenda Tapira.....	67
FIGURA 12 – Rio Soé.....	67
FIGURA 13 – Mangue próximo ao Rio Soé.....	68
FIGURA 14 – Escultura em rocha calcária na entrada da Igreja (Barroco Tropical).....	69
FIGURA 15 – Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Guia.....	69
FIGURA 16 – Reservatórios de Carcinicultura.....	70
FIGURA 17 – Reservatórios de Carcinicultura com elevado nível de assoreamento.....	71
FIGURA 18 – Rio da Guia (lado esquerdo).....	71
FIGURA 19 – Rio da Guia (lado direito).....	71
FIGURA 20 – Lixo proveniente das residências próximas a margem do Rio da Guia.....	72

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1** – Percentual das respostas dos alunos referentes à primeira pergunta / O que levou você a escolher o curso de bacharelado e licenciatura em geografia como opção profissional?.....44
- QUADRO 2** – Percentual das respostas dos alunos referentes à segunda pergunta / Qual a importância do “Trabalho de Campo” na formação do profissional de Geografia?.....46
- QUADRO 3** – Percentual das respostas dos alunos referentes à terceira pergunta / Quais são os pontos fortes do “Trabalho de Campo” no curso de geografia da UFPB?.....47
- QUADRO 4** – Percentual das respostas dos alunos referentes à terceira pergunta / Quais são os pontos fracos do “Trabalho de Campo” no curso de geografia da UFPB?.....48
- QUADRO 5** – Percentual das respostas dos alunos referentes à quarta pergunta / Os roteiros de campo são condizentes para a formação do profissional de Geografia?.....50
- QUADRO 6** – Percentual das respostas dos alunos referentes à quinta pergunta / Você é um participante ativo dos trabalhos de campo realizados no curso de geografia da UFPB?.....51
- QUADRO 7** – Percentual das respostas dos alunos referentes à sexta pergunta / Quais são as suas dificuldades durante a realização do “Trabalho de Campo”?.....53
- QUADRO 8** – Percentual das respostas dos alunos referentes à sétima pergunta / Você gostaria que o “Trabalho de Campo” fosse regulamentado como uma disciplina componente curricular do projeto pedagógico do curso de geografia?.....55
- QUADRO 9** – Percentual das respostas dos alunos referentes à oitava pergunta / Quais as contribuições que o “Trabalho de Campo” trouxe para a sua formação como estudante do curso de geografia da UFPB e futuro profissional?.....58

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Percorso do Trabalho de Campo.....	61
--	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Disciplinas da grade curricular do curso de Geografia da UFPB que realizam trabalho de campo semestralmente - período 2012.2.....	40
---	----

LISTA DE SIGLAS

AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros

BPG – Boletim Paulista de Geografia

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FFCL/USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GPS – Global Positioning System

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

SEDEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SESu – Secretaria de Educação Superior

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I – O Trabalho de Campo como ferramenta para a formação do Professor de Geografia. Fundamentos teóricos e concepções gerais	21
1.1 Trabalho de Campo na Geografia: Um breve histórico.....	22
1.2 Trabalho de Campo: Fundamentos teóricos e concepções gerais	25
CAPÍTULO II – Geografia e Ensino e o Trabalho de Campo	29
2.1 Geografia e Ensino	29
2.2 Trabalho de Campo e Ensino	32
CAPÍTULO III – Levantamento Diagnóstico sobre a realidade do “Trabalho de Campo” no curso de Geografia da UFPB	37
3.1 Aspectos Metodológicos.....	37
3.1.1 Conceito de método	37
3.1.2 Tipos de estudo.....	37
3.1.3 Conceito de análise de dados qualitativos e quantitativos.....	38
3.1.4 Método aplicado ao trabalho	38
3.2 Análise de dados e interpretação de resultados a partir da aplicação de questionários	39
3.2.1 Análise dos dados coletados	43
3.3 Relato de um trabalho de campo	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
APÊNDICES	78

INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga e analisa a importância que o Trabalho de Campo exerce na formação do estudante do curso de Geografia da UFPB. A escolha do tema se deu a partir de estudos anteriormente elaborados e a partir de nossa vivência enquanto estudante do Ensino Básico, onde aconteceram fatos e experiências de vida a partir dos primeiros trabalhos de campo, que me auxiliaram a optar pelo curso de Geografia e que ao adentrar a Universidade Federal da Paraíba enveredei na prática dos trabalhos de campo realizados nas disciplinas e hoje, ao concluir o curso, tal atividade, favoreceu para a minha formação como pesquisadora e futura professora.

O Trabalho de Campo como instrumento didático pedagógico, amplamente utilizado no curso de geografia se constitui um dos métodos de ensino-aprendizagem para formação do professor em todos os níveis, do ensino Básico ao terceiro grau. Constitui-se uma aula prática, onde o laboratório é o espaço geográfico natural, é uma ferramenta essencial na obtenção de informações, na formação de opinião e fundamental para a formação do profissional de Geografia. O tema ora estudado, o Trabalho de Campo, vem ganhado espaço em pesquisas, devido a sua contribuição na formação do professor de geografia. O objetivo principal do trabalho é fazer um levantamento das disciplinas do curso de geografia que realizam o Trabalho de Campo como um instrumento didático pedagógico voltado para a formação do professor de geografia e analisar a importância desse trabalho de campo como método de ensino-aprendizagem capaz de instrumentalizar o futuro professor na prática da aula de campo. Outro objetivo pretendido para este estudo é o de mostrar a necessidade da inclusão do trabalho de campo no PPC – Projeto Pedagógico do Curso de Geografia da UFPB, como disciplina inserida na grade curricular do curso. Como objetivos específicos desse estudo, buscaremos identificar as contribuições do trabalho de campo no processo de ensino-aprendizagem na formação do professor de geografia; conhecer as facilidades e/ou dificuldades na realização do trabalho de campo; e analisar a relevância dessa atividade junto ao estudante de geografia quanto à compreensão do Espaço Geográfico articulando teoria e prática.

O procedimento metodológico utilizado teve como foco inicial o levantamento bibliográfico, em diversas fontes, como livros, monografias, artigos científicos e sites eletrônicos que embasassem a temática pesquisada e o levantamento de campo em pesquisa direta realizada com alunos e professores do curso de geografia da UFPB. Nesse conjunto de

atributos, houve também a realização de Trabalhos de Campo, como instrumento relevante no desenvolvimento da pesquisa rumo à elaboração deste trabalho. Para alcançarmos os objetivos colimados, complementando o levantamento bibliográfico, utilizamos também as experiências vivenciadas no curso de Geografia da UFPB, como monitora da disciplina Cartografia Temática, como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID¹ e como estagiária do Projeto “o Futuro Visita o Passado”² da Secretaria de Educação e Cultura do município de João Pessoa-PB.

A metodologia utilizada para a coleta de dados foi à aplicação de questionários estruturados com alunos e entrevistas estruturadas com os professores das disciplinas que realizam trabalho de campo em todos os semestres letivos. Como método de pesquisa de Trabalho de Campo, optamos pela observação e análise: 1) registro da paisagem mediante notas visuais através da eleição de um olhar e percepção particular a partir da ciência a qual nos situamos, fazendo uma análise de como a presença do homem faz perder o rumo na configuração dos territórios (nesse sentido, utilizamos fotografias e vídeos); e, optamos também pelo reconhecimento do percurso com o auxílio de cartas da Sudene nas escalas de 1:25 000 e de 1:100.000, editadas em períodos distintos entre 1972 e 1975, para avaliação da paisagem e comparação desses elementos conforme as modificações ocorridas num determinado espaço de tempo e pela obtenção de informação através de marcações pontuais com o auxílio do GPS (Global Positioning System), mediante caminhamento expedito, nesse caso, um caminhamento fechado da área em estudo (por iniciar-se as marcações em um lugar e voltar para esse mesmo lugar) e acrescentar a essa área delimitada, as informações obtidas a partir dos elementos encontrados no campo.

¹ **O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID** é uma ação conjunta do Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior - SESu, da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, com vistas a fomentar a iniciação à docência de estudantes das instituições federais de educação superior e preparar a formação de docentes em nível superior, em cursos de licenciatura presencial plena, para atuar na educação básica pública. Disponível em: <http://pibid.dce.ufpb.br/> Acessado em: 08/03/2013.

² **O Projeto "O Futuro Visita o Passado"**, idealizado e coordenado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEDEC) de João Pessoa, é uma ação integrada ao Programa de Educação Patrimonial "João Pessoa, Minha Cidade". [...] Utilizando a aula de campo como atividade realizada para estudantes da rede municipal de ensino, na faixa etária de seis a quinze anos, o projeto tem por finalidade possibilitar às crianças conhecerem e trocarem impressões com os educadores sobre o Patrimônio Histórico Cultural da cidade de João Pessoa, a partir da visualização e das informações que recebem sobre as ruas, as edificações, os monumentos, as praças e as moradas, considerando que cada local representa um pouco a história de todos os paraibanos. Esse projeto consiste na preparação e realização de uma aula educativa e cultural que busca valorizar a identidade e a memória da cidade de João Pessoa. [...] O projeto envolve formadores de várias áreas do conhecimento, principalmente do Programa de Educação Patrimonial "João Pessoa, Minha Cidade", professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da rede municipal de ensino e estagiários. Disponível em: <http://projtofuturovisitaopassado.blogspot.com.br/p/fotos.html>. Acessado em: 03/02/2013.

Justificativa

O presente estudo é relevante para a comunidade acadêmica do Curso de Geografia da UFPB por analisar a prática do Trabalho de Campo como método de ensino-aprendizagem na formação do profissional em Geografia, sendo mais um recurso utilizado para a compreensão das informações apreendidas em sala de aula, oferecendo aos alunos a oportunidade de conhecer o espaço geográfico e a história do lugar a partir da observação *in loco*.

Considero também este trabalho relevante porque analisa a aula prática de campo da forma como ela proporciona os ensinamentos do espaço geográfico incluindo os territórios distintos e mais das vezes complementários. Este estudo mostra também, que o Trabalho de Campo possibilita o aprendizado da geografia no próprio espaço geográfico natural, ao ar livre, considerando todos os aspectos, os culturais, os físicos e os naturais.

A pergunta aqui levantada e que deverá ser respondida no decorrer do trabalho é como esse método de ensino-aprendizagem, o Trabalho de Campo, contribui na formação do professor de Geografia? Desse modo, os aspectos-chave do presente estudo é mostrar que o “Trabalho de Campo” é uma ferramenta eficaz ao estudo da Geografia e mostrar também, como essa ferramenta (prática) favorece na formação do professor para a educação básica. Essa pesquisa traz a contribuição do Trabalho de Campo para o estudo da Geografia uma vez que se faz uma reflexão e análise dos fatos e conteúdos geográficos observados *in loco*.

Diante do exposto, este trabalho foi elaborado partindo desses pressupostos relatados anteriormente e está organizado em três capítulos principais, precedidos por esta introdução onde nela apresentamos o contexto de elaboração desta Monografia e propusemos nossos objetivos elaborados com vistas a seguir um percurso metodológico. Percurso este, baseado numa fundamentação teórica de forma intencional a atingir o objetivo proposto.

No primeiro capítulo, “O trabalho de campo como ferramenta para a formação do Professor de Geografia”, este capítulo trata da pesquisa sobre os diversos pontos de vista dos principais autores relacionados a esta temática e aqui referenciados. Está dividido em dois subtítulos, o primeiro aborda sobre o histórico do trabalho de campo e sua trajetória para tornar-se o instrumento chave das pesquisas em Geografia, e o segundo apresenta os fundamentos teóricos e concepções gerais da importância do trabalho de campo para a formação do profissional de Geografia.

O segundo capítulo, “Geografia e Ensino e o Trabalho de Campo”, está também dividido em dois subtítulos, um breve histórico sobre o ensino da Geografia no país tecendo

considerações sobre a produção e evolução da qualidade dos livros didáticos de Geografia, o outro subtítulo aborda o trabalho de campo como método de ensino-aprendizagem no ensino da Geografia e sua importância como ferramenta de percepção da realidade, construção de novos conceitos e aprimoramento do conhecimento e da educação geográfica.

O terceiro capítulo, “Levantamento Diagnóstico sobre a realidade do Trabalho de Campo no curso de Geografia da UFPB” é um capítulo explicativo e expositivo referente à análise dos resultados da pesquisa sobre a realidade do Trabalho de Campo no curso de Geografia da UFPB. O capítulo aborda concepções gerais a respeito do conceito de análises de dados qualitativos e quantitativos mediante o uso de questionários em uma pesquisa científica, e trás em seu decorrer os critérios utilizados para coleta e análise dos dados obtidos a partir de sua aplicação na pesquisa realizada para esta monografia e seus resultados a cerca da prática do trabalho de campo como ferramenta para a formação do Professor de Geografia. Nesse mesmo capítulo se fará um relato de um trabalho de campo realizado com a disciplina Cartografia Temática ministrada pela professora Dr^a Maria de Fátima de Albuquerque Rangel Moreira com alunos do 5^a período – 2012.2 – do curso de Geografia da UFPB, sobre a Carta Rio Soé – PB.

CAPÍTULO I – O Trabalho de Campo como ferramenta para a formação do Professor de Geografia. Fundamentos teóricos e concepções gerais.

Introdução

Atualmente deparar-se com professores desmotivados pela falta de interesse por parte dos alunos nas escolas e nas universidades é uma realidade comum para quem ensina Geografia, principalmente quando o ano letivo ou semestre letivo acadêmico é transmitido de forma mecânica e exclusivamente em sala de aula. É importante inovar, de modo que o conteúdo transmitido seja apreendido de forma significativa para o aluno alimentando assim sua estrutura cognitiva³ com conteúdos que irão influenciar no seu processo de aprendizagem.

Os recursos didáticos disponíveis são vastos, e o Trabalho de Campo surge aqui como um método inovador para as aulas de Geografia, há muito tempo utilizado, e este método por sua vez, além de despertar o olhar geográfico do aluno, o auxilia no desenvolvimento de uma abordagem metodológica que irá facilitar o seu processo de ensino-aprendizagem, ressaltando assim, distintos modos de apreensão da realidade que serão desenvolvidos a partir de debates e reflexões.

Sendo assim, o Trabalho de Campo visto como método de ensino-aprendizagem na Geografia contribui para desfazer a dicotomia existente entre a Geografia física e Geografia humana, pois conforme apresenta Serpa (2006) o Trabalho de Campo “[...] é um instrumento chave para a superação dessas ambigüidades, não priorizando nem a análise dos chamados fatores naturais nem dos fatores humanos (ou ‘antrópicos’). Este é também um excelente método no auxílio da construção do conhecimento e do senso crítico da realidade na formação de profissionais capacitados e que estarão aptos para construir seu próprio saber geográfico e que futuramente irão transmitir em sala de aula. Nesse sentido, de acordo com Pontuschka (2007),

A Geografia, como ciência da sociedade e da natureza, constitui um ramo do conhecimento necessário à formação inicial e continuada dos professores que têm ou terão sob sua responsabilidade classes das séries iniciais de alfabetização, assim como dos professores das séries mais adiantadas que trabalham com ela como disciplina escolar (PONTUSCHKA, 2007, p.37).

³ A Estrutura cognitiva representa todo o conteúdo informacional armazenado por um indivíduo, organizado de certa forma em qualquer modalidade do conhecimento (...). BATISTA, Jaqueline Brito Vidal. Aprendizagem Significativa de Ausubel. *mimeo*. s/d.

1.1 Trabalho de Campo na Geografia: Um breve histórico.

Ao longo dos anos muitas foram às mudanças causadas e vivenciadas pela sociedade, e essas mudanças em grande parte relacionadas ao planejamento econômico que acentuou cada vez mais a urbanização e industrialização e assim mundializou cada vez mais o espaço geográfico pelo capitalismo, afetou direta ou indiretamente o conhecimento científico, pois suas relações sócio-culturais acabam por transformar o espaço natural em espaço transformado, que é tido por muitos autores como objeto de estudo da geografia, e que conseqüentemente dão origem a organizações espaciais diferenciadas. De acordo com essa perspectiva a Geografia é entendida segundo Cavalcanti (2011) como:

[...] a ciência que se preocupa com a organização do espaço, através da análise da paisagem representando a integração da dinâmica social com os fatores naturais (dinâmica sócio-espacial), num determinado espaço da superfície terrestre (CAVALCANTI, 2011. p.166).

Tais mudanças afetaram a ciência geográfica, pois com a inovação da tecnologia, surgiu uma nova maneira de entender o espaço geográfico e de fazer o levantamento das informações. Sendo assim, o espaço geográfico passou a ser observado e quantificado através de várias técnicas mais sofisticadas, entre elas, o sensoriamento remoto, o Geoprocessamento, a Aerofotogrametria que na década de 60 era a obtenção de imagens via satélite “[...] monopólio dos exércitos, brasileiro e americano” (PONTUSCHKA, 2007, p.51), o que acabou por negligenciar o trabalho de campo como instrumento de observação da paisagem.

A Geografia enquanto ciência surge no início do século XIX, tendo como objeto de estudo, o espaço geográfico, porém, o Trabalho de Campo já havia sido idealizado pelo naturalista Alexander Von Humbolt (1769-1859) através das viagens exploratórias que realizava. Suas publicações, assim como as do historiador e filósofo Karl Ritter (1779-1859) que via a Geografia como o “estudo de lugares”, na época foram tida como a base, da chamada Geografia científica estabelecida no fim do século XIX (PONTUSCHKA, 2007, p.41).

É importante ressaltar que a AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros nos seus primeiros encontros difundiu o Trabalho de Campo como instrumento essencial para os geógrafos. Alentejano e Rocha-Leão (2006) fazem um destaque para tal contribuição:

Cabe destacar, neste sentido, a contribuição da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)⁴ para a difusão dos trabalhos de campo como ferramenta fundamental dos geógrafos, pois seus primeiros congressos representam um espaço privilegiado de produção da Geografia brasileira, com destaque para as excursões que promovia as palestras que organizava e os textos que publicava no âmbito do Boletim Geográfico. (ALENTEJANO, 2002 *apud* ALENTEJANO E ROCHA-LEÃO, 2006, p.54)

Também, Deffontaines (1935) já tratava sobre o Trabalho de Campo como excursões realizadas para estudar em comum, no terreno, um aspecto ou uma questão geográfica:

É, portanto de toda oportunidade a AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros, fundada em redor da cadeira de geografia da Universidade de São Paulo, e que reúne estudiosos e amadores da geografia animados da mesma paixão de descobertas e compreensão do seu país. A ASSOCIAÇÃO se reúne todos os quinze dias, aborda em cada uma das suas reuniões um problema geográfico especial, exposto por um dos membros e discutido pelo grupo; organiza também excursões para estudar em comum, no terreno, um aspecto ou uma questão geográfica. (DEFFONTAINES, 1935, CUSTÓDIO, 2012, p. 11).

A partir do exposto vale salientar a importância das experiências vividas pelos novos profissionais em sua convivência com profissionais mais experientes e o ensino, por eles passados através do Trabalho de Campo e de suas produções resultantes, que de acordo com Alentejano e Rocha-Leão (2006) “possibilitaram o desenvolvimento de ampla gama de conhecimentos sobre a realidade brasileira”.

Na década de 1970 a Geografia Teorético-Quantitativa minimizou a importância do Trabalho de Campo para analisar os fenômenos geográficos através das tecnologias da informação e sob uma perspectiva numérica, Alentejano e Rocha-Leão (2006) ressaltam essa questão ao dizer que na,

[...] Geografia Teorético-Quantitativa, os trabalhos de campo passaram a ser execrados e praticamente riscados do mapa das práticas dos geógrafos, sob o argumento de que as tecnologias da informação e os modelos matemáticos seriam instrumentos mais adequados para a investigação da realidade (ALENTEJANO e ROCHA-LEÃO, 2006, p. 55).

Esse método foi adotado também pela Geografia Crítica que desconsiderou a importância do Trabalho de Campo na construção do pensamento geográfico, devido a sua

⁴ A AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros, editora dos primeiros periódicos científicos de Geografia no Brasil, foi criada em 17 de setembro de 1934, na casa de Pierre Deffontaines, na Av. Angélica, nº.133, pelo geógrafo e seus companheiros Caio Prado Júnior (advogado e escritor), Rubens Borba de Moraes (bibliófilo e biblioteconomista) e Luis Flores de Moraes Rego (geólogo e professor da Escola Politécnica). Disponível em: http://www.agb.org.br/documentos/Vanderli_Custodio_Fundamentos_2012.pdf Acessado em: 15/02/2013.

radicalização crítica ao empirismo que denominava na Geografia Tradicional. MOREIRA et.al. (2010) ressalta a visão do trabalho de campo para a Geografia Tradicional dizendo que:

Na chamada Geografia Tradicional, o trabalho de campo norteava-se na observação e na descrição dos elementos contidos nas paisagens, o que resulta numa prática de ensino puramente descritiva e numa leitura acrítica do espaço geográfico. (MOREIRA et.al., 2010)

O novo método de análise da paisagem e de levantamento de dados, a Geografia Teorético-Quantitativa, passou a ser utilizado pelos geógrafos da época, que em sua grande maioria, deixaram de lado a maneira tradicional de fazer o Trabalho de Campo acreditando não ser mais de fato necessário o deslocamento ao local de estudo.

Assim a realidade passou a ser outra, pois nem mesmo a AGB ficou de fora da discriminação do Trabalho de Campo, todavia os resultados e análises das pesquisas que perduraram até a década de 1970 “quando, com a mudança dos estatutos da AGB, estes foram retirados da grade dos encontros da entidade”. (ABREU, 1994 *apud* ALENTEJANO E ROCHA-LEÃO, 2006, p.54).

Após essa fase, e do uso desses métodos por grande parte dos geógrafos, surgiu novamente à necessidade da valorização do Trabalho de Campo como instrumento essencial na observação direta da paisagem na sua forma mais tradicional, pois é comum a todos que defendem o uso do trabalho de campo no ensino da Geografia que esse método não deve ser desarticulado de uma teoria que a sustente. Alentejano e Rocha-Leão fazem uma ressalva a respeito do retorno do trabalho de campo nos encontros da AGB:

Nos últimos anos tem-se verificado o retorno dos trabalhos de campo aos Encontros Nacionais, Estaduais e Regionais da AGB, embora sem a centralidade de outrora. (ALENTEJANO E ROCHA-LEÃO, 2006, p.54).

Sendo assim, o retorno do Trabalho de Campo na Geografia, ocorreu na década de 1980, e, apesar das poucas discussões a seu respeito, é possível ainda encontrar textos da época, com conteúdos significativos de geógrafos como Lacoste (2006) e Kayser (2006).

Suertegaray (2002) faz uma colocação sobre os textos produzidos na década de 1970 e 1980 em que aborda sobre:

É importante dizer que estes textos escritos nas décadas de 70 e 80, trazem à discussão o sentido do “Trabalho de Campo” para o geógrafo, o compromisso com

as comunidades envolvidas e a divulgação dos resultados. (SUERTEGARAY, 2002).

A partir de então o Trabalho de Campo passou a ser requisitado como instrumento essencial na obtenção de informações e compreensão da realidade e das diversas organizações espaciais.

Desse modo, Cavalcanti (2011) define o Trabalho de Campo como:

[...] denominação dada à atividade desenvolvida pelo pesquisador em Geografia que se desloca do seu gabinete de trabalho para a área ou local de seu interesse (objeto de estudo), com a finalidade de realização das observações e levantamento das informações pertinentes. (CAVALCANTI, 2011, p.166).

Conforme o exposto o Trabalho de Campo é fundamental para a Geografia, e se valorizado pelos demais pesquisadores, este contribuirá para a prática didática do ensino-aprendizagem na Geografia, pois se trata de um trabalho empírico, sob a ótica da observação, coleta e experimentação dos dados obtidos e que deve ser impulsionado para que haja um avanço dessa ciência e assim contribuir para a construção do conhecimento geográfico.

1.2 Trabalho de Campo: Fundamentos teóricos e concepções gerais

Os geógrafos em sua trajetória de formação possuem práticas de campo totalmente diferenciadas e que podem resultar em grandes reflexões para a epistemologia da Geografia. Tais práticas de campo se seguidas corretamente podem tornar-se uma ferramenta geográfica relevante para a pesquisa e para a fonte de conhecimento sobre o ensino de Geografia, pois, segundo Kayser (1985) “uma coisa é observar para tentar compreender, registrar os fenômenos para interpretá-los com o apoio de explicação geral; outra é ir ‘à pesquisa’ como que vai ao zoológico ou ao safári” (KAYSER 1985 *apud* ALENTEJANO; ROCHA-LEÃO, p.51, 2006).

O Trabalho de Campo não pode ser abreviado somente ao estudo empírico, ele é, sobretudo, mais abrangente conforme aponta Alentejano; Rocha-Leão (2006) “é [...] um momento de articulação teoria-prática”. É nesse momento em que se dá a criação e/ou produção do conhecimento através da observação da paisagem articulada com o conhecimento apreendido em gabinete.

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob a pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos (ALENTEJANO; ROCHA-LEÃO, 2006, p.57).

O Trabalho de Campo não está somente limitado ao estudo da paisagem natural, primária, ele é mais abrangente, existindo a necessidade de haver uma articulação local-regional-global para a análise de um determinado fenômeno. É conforme Cavalcanti (2011), que o Trabalho de Campo é,

[...] gerador de conhecimento geográfico, pois representa o lugar de onde se extraem informações para a elaboração de conhecimentos teóricos, bem como é também o local onde as teorias são testadas (CAVALCANTI, 2011, p.167).

Na atualidade, com o advento das tecnologias, (Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto) é possível observar a facilidade de se obter informações de modo rápido facilitando o Trabalho de Campo e em alguns casos o substituindo, mas de modo algum, essas tecnologias substituem à pesquisa de gabinete que, nesse caso, deve estar articulada a pesquisa *in loco*. Suertegaray (2002) faz referência à mesma questão:

As novas tecnologias auxiliam em muito a leitura do campo pelos geógrafos, porém elas não bastam, como não basta uma máquina de fotografia sofisticada; a leitura expressa em ambos os casos, exige e deixa evidente o método e a visão de mundo do observador geógrafo ou fotógrafo. (SUERTEGARAY, 2002).

A realização de um trabalho de campo tem que iniciar com um plano, que irá englobar o roteiro de campo, a escolha do material necessário, entre eles instrumentos geográficos, meios de captação de imagem, seja ele fotográfico ou desenho a mão livre, e a boa vontade de fazer pesquisa *in loco*, a partir daí a pesquisa pode se iniciar com uma simples caminhada no local determinado e desta caminhada a observação é imediata onde irão surgir as primeiras reflexões. As tecnologias se encaixam como instrumentos de trabalho que auxiliam o desenrolar da pesquisa de forma mais precisa. Sobre essa perspectiva Suertegaray (2002) explana seu pensamento,

Daí a necessidade de pensar o uso das novas tecnologias. Sem dúvida, não devemos descartá-las. Devemos utilizá-las a serviço de nossas escolhas. Muitas experiências já são praticadas com essa perspectiva. (SUERTEGARAY, 2002).

As tecnologias tem suas vantagens para o desenrolar de um bom trabalho, mas a observação pessoal desenvolve a capacidade de formular novos conceitos da realidade. Cavalcanti (2011) destaca o modo como o Trabalho de Campo se utiliza do processo de observação para a interpretação da realidade do local de estudo:

Considerado e valorizado como importante instrumento para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, o trabalho de campo faz com que o “processo de observação” se revista de real significado para o geógrafo. É através da observação que o pesquisador investiga o mundo real, na tentativa de compreendê-lo e interpretá-lo. (CAVALCANTI, 2011, p.167).

É importante que na formação do profissional em Geografia, seja ele professor ou geógrafo, desenvolva a capacidade de observação de campo que é o principal instrumento a ser utilizado por estes profissionais, de modo que esta observação esteja inserida no que chamamos de teoria do conhecimento, que é a melhor forma de se obter o conhecimento com a utilização dos nossos sentidos ao qual nos relacionamos com o meio externo, e o conhecimento daí resultante é o chamado conhecimento empírico que são os conhecimentos e as experiências vividas e adquiridas.

Com base nesse conhecimento existem dois tipos de observação, a primeira é chamada de observação passiva, ou seja, não intencionais, são “[...] as observações do homem comum, no seu dia-a-dia e que são meramente contemplativas, sem maiores preocupações com o que está sendo observado” (CAVALCANTI, 2011, p.168). A outra por sua vez, a observação científica, é um tipo de observação que deve ser articulada ao desenvolvimento do conhecimento teórico, ou seja, há uma finalidade no ato de observar e a linguagem utilizada é, sobretudo, mais técnica e precisa.

Conforme o exposto é de fundamental importância que os estudantes de Geografia ao saírem a campo já tenham apreendido os fundamentos teóricos dessa prática e desenvolvido em sala de aula a forma correta da observação para quem futuramente pretende ser um profissional na área e ter no Trabalho de Campo a maneira prática de desenvolver essa habilidade assim como a descrição e a interpretação da paisagem. Moreira et.al., (2010) reforça essa questão esplanada por Souza et al., (2008), ao dizer que “[...] por meio do trabalho de campo é possível desenvolver as habilidades de observar, descrever, interpretar fenômenos naturais e sócios espaciais nos alunos, e inferir na boa formação de profissionais na área das geociências”.

O Trabalho de Campo é um recurso metodológico de ensino-aprendizagem que vem adquirindo espaço nas práticas curriculares da geografia, é uma atividade vista pelos alunos como um atrativo que vem proporcionar uma melhor assimilação dos conteúdos, já que trata de uma quebra da rotina de sala de aula, dessa forma o Trabalho de Campo é tido como um estímulo a prática do conhecimento que propicia novos olhares e descobertas. É o estudo do meio físico, natural e cultural a partir de uma visão empírica do espaço geográfico, essencial no curso de Geografia.

Cabe ressaltar aqui, que o trabalho de campo não deve ser visto como um fim mais sim como um meio, para elucidar a teoria vista em sala de aula e elencar novas indagações ao retornar a sala de aula. (MOREIRA et.al., 2010).

É interessante ressaltar que no decorrer do trabalho de campo existe a necessidade de se estar sempre situado no contexto dos objetivos anteriormente formulados e antecédidos de uma discussão entre professor e aluno, ao qual a pesquisa irá se desenvolver para que não ocorra o que MOREIRA et.al., (2010) chama de “fazer pelo fazer”. Valeria de Marcos (2006) expõe sua opinião a respeito:

Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que a teoria se torna realidade, se “materializa” diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo que ele não se transforme numa “excursão recreativa” sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento. (MARCOS, 2006, p. 106).

A partir dessa perspectiva apresentada, o Trabalho de Campo revela o seu potencial de relevante instrumento na formação de professores e pesquisadores em geografia, pois desenvolve no aluno, a capacidade de percepção da realidade, e é um recurso didático eficiente na prática de ensino. Mesmo assim, não devemos cometer o equívoco de pensar que este, o Trabalho de Campo, seja o único meio para o “aprender geográfico”, e sim, de acordo com MOREIRA et.al., (2010), “[...] ser um instrumento que comunga prática e teoria”.

CAPÍTULO II – Geografia e Ensino e o “Trabalho de Campo”.

Neste capítulo será levantado um breve histórico da trajetória e evolução do Ensino da Geografia no Brasil e do Trabalho de Campo na Geografia, seguido de um debate a cerca da importância do trabalho de campo no ensino da Geografia e na formação do profissional de Geografia.

2.1 Geografia e Ensino

Falar sobre Geografia e Ensino é falar sobre uma temática muito abrangente, contudo, pesquisadores ao longo de 28 anos, “desde 1985” (VESENTINI, 1989) vêm trabalhando nessa questão, pois, atualmente, 2013, já se encontram trabalhos e livros que discutem tal temática o que de certo modo é uma grande contribuição para os trabalhos futuros.

No Brasil do início do século XX, o ensino de Geografia não era uma realidade da esfera acadêmica, ela era apenas uma disciplina lecionada em escolas de nível secundário. Pontuschka (2007) ressalta a realidade dos livros didáticos no ensino da geografia no antigo ginásio:

A Geografia, no antigo ginásio, até a época da fundação da FFCL/USP, em 1934, nada mais era do que a dos livros didáticos escritos por não-geógrafos. Esses expressavam geralmente o que foi a ciência até meados do século XIX, na Europa: enumeração de nomes de rios, serras, montanhas, ilhas, cabos, capitais, cidades principais, totais demográficos de países, de cidades etc. A memória era a capacidade principal para o estudante sair-se bem nas provas (PONTUSCHKA, 2007, p.46).

Outro autor que faz referência aos livros didáticos no ensino da geografia da época do antigo ginásio é Pasquale Petrone, que comenta sobre,

[...] a baixa qualidade de seus conteúdos, ditos geográficos, e apresenta como exceção, em virtude de seu caráter inovador, os livros de Delgado de Carvalho, autor tanto de obras didáticas, como Geografia do Brasil, de 1928, quanto de livros científicos importantes, como o Brasil Meridional, publicados na França. Outro autor que fugia à regra, representando uma mudança na qualidade da produção didática, era Alfredo Ellis Junior, historiador que também escrevia livros de Geografia. (PETRONE, 1993 *apud* PONTUSCHKA, 2007, p.46).

Por outro lado, apesar da relevância dos conteúdos inovadores de Delgado de Carvalho⁵ e de Alfredo Ellis Junior, os seus livros não foram bem aceitos nas décadas de 1920 e 1930 por professores e alunos, por considerarem seus conteúdos de difícil entendimento para a época.

O ensino de Geografia por sua vez, ganhou âmbito nos currículos das Universidades em 1934 quando foi criado o curso de Geografia-História da Universidade de São Paulo (USP)⁶, atualmente um dos principais centros de referências de ensino superior do Brasil e do mundo, tendo como objetivo fundamental o desenvolvimento da ciência geográfica e a formação de profissionais licenciados e capacitados para o ensino da disciplina.

Pontuschka (2007) explica como era o ensino da Geografia no Brasil antes da criação do curso de Geografia-História da Universidade de São Paulo (USP).

Antes da FFCL/USP, não existia no Brasil o bacharel e o professor licenciado em Geografia. Existiam pessoas que, egressas de diferentes faculdades ou até mesmo das escolas normais, lecionavam essa disciplina, assim como outras. Eram professores de Geografia, principalmente, advogados, engenheiros, médicos e seminaristas. (PONTUSCHKA, 2007, p.45).

Ainda por volta dos anos 1934, ressaltamos também a influência europeia no desenvolvimento da ciência geográfica no Brasil e, destacamos dentre eles, a influência francesa com Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) e François Ruellan na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro. Posteriormente foi criada a AGB “editora dos primeiros periódicos científicos de Geografia no Brasil” (CUSTÓDIO, 2012, p.2).

A fundação da FFCL/USP constituiu-se em uma verdadeira contribuição para o surgimento de um novo profissional, além do licenciado em Geografia e História, o Bacharel em Geografia, que conquistou importante espaço no mundo profissional da geografia brasileira, nas transformações culturais e principalmente em um novo meio de ensinar

⁵ Delgado de Carvalho, intelectual formado em universidades europeias e norte-americanas, participaram dos debates educacionais dos anos 20. [...] Produziu obras científicas, didáticas e metodológicas no campo das ciências sociais, participando ativamente do movimento da Escola Nova, que fundamentava as discussões e as reformas de ensino na década de 30 e nas que se seguiram. (PONTUSCHKA, 2007, p.46 e 47).

⁶ Em São Paulo existiam outras duas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras com cursos de Geografia-História: a Faculdade de “São Bento” e a Faculdade “Sedes Sapientiae”, anos mais tarde incorporadas à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Contudo, ainda não faziam parte do contexto de uma Universidade – sinônimo de ensino e pesquisa conjugados. (SEABRA, M.F.G., 2004, p. 20 *apud* CUSTÓDIO, V. 2012, p.2). Disponível em: http://www.agb.org.br/documentos/Vanderli_Custodio_Fundamentos_2012.pdf Acessado em: 19/02/2013.

geografia no ginásio. Foi então, em 1957 que essas duas ciências foram separadas, Pontuschka (2007) destaca bem esse acontecimento,

Somente em 1957, com a multiplicação dos trabalhos de natureza geográfica, o então curso de História e Geografia da FFCL/USP foi desmembrado, passando a haver vestibulares específicos para os ingressantes em cada um dos cursos. (PONTUSCHKA, 2007, p.48).

Desse modo, formar-se em Geografia passou a contribuir significativamente na construção e crescimento de produções científicas na área, tais produções baseadas na realização de trabalhos de campo juntamente com estudantes que tinham afinidades com as literaturas geográficas de origem francesa e alemã, que influenciaram no desenvolvimento da ciência geográfica no Brasil em contraponto a literatura brasileira sob a crítica de seus professores.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁷, a partir das décadas de 1940 e 1950, passou a ter um papel essencial na formulação de artigos mediante pesquisas de natureza geográfica. Estes, por sua vez, eram repassados aos alunos do ginásio através de seus professores, pelos livros didáticos e pelas publicações do IBGE, que dedicou a geografia por 36 anos (1943-1978), em especial, um Boletim Geográfico, disponível para todo o território nacional, pelo Conselho Nacional de Geografia. É interessante ressaltar que o IBGE se preocupava com o ensino da Geografia no país de forma regular.

A AGB, a partir de 1949, também se constituiu como fonte bibliográfica obrigatória, com a publicação do Boletim Paulista de Geografia (BPG), onde os geógrafos da época publicavam suas pesquisas e ainda hoje novos pesquisadores expõem suas idéias, são ao todo 91 publicações até o ano de 2011. Este boletim desde a época de sua fundação na década de 1940 auxilia e influencia na formação dos estudantes de Geografia até os dias atuais. Pontuschka (2007) em seu livro faz referência ao primeiro número de BPG apresentando por Aroldo de Azevedo,

Na apresentação do primeiro número do BPG, Aroldo de Azevedo afirma que a publicação deveria ser o espelho da nova geração de geógrafos e oferece aos leitores contribuições originais de valor, quer no quadro da Geografia física e biológica, quer no da Geografia humana, em seu mais amplo sentido, sem esquecer o campo

⁷ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE se constitui no principal provedor de dados e informações do país, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/eventos/missao/instituicao.shtm> Acessado em: 19/02/2013.

fascinante da Geografia regional (AZEVEDO, 1949, p.2 *apud* PONTUSCHKA 2007, p. 50).

Por outro lado, graças aos esforços de vários autores que dedicaram suas pesquisas e trabalhos na área de ensino da geografia, a exemplo de Vesentini (1989) fica clara a ligação da geografia com a instituição escola, desde seu surgimento após a revolução industrial, no século XIX. Oliveira (1989) expressa bem a respeito de tal temática ao afirmar:

As relações da geografia com o ensino são íntimas e inextricáveis, embora pouco perscrutadas tanto pelos geógrafos como pelos estudiosos da questão escolar. É evidente que estamos nos referindo à chamada geografia moderna (ou científica, ou tradicional, denominações para a mesma formação discursiva, que recebe tal ou qual rótulo, de acordo com a opção teórico-metodológica de quem dela fala), aquela estruturada em meados do século XIX, e ao ensino na sociedade capitalista (e conhecemos alguma outra?), em especial à instituição escola, surgida após a revolução industrial, fruto das reformas pedagógicas do século XIX (VESENTINI, 1989, p 30).

Com base no que foi citado anteriormente é possível observar a ligação existente entre a geografia e a escola, desde seu surgimento no século XIX, mesmo a partir de sua constituição como “[...] centros de diversas discussões entre a Igreja e o Estado, estas, com suas devidas finalidades em utilizar a educação para servirem a seus interesses maiores” (BARRETO, 2012, p.20).

Atualmente, 2013, ainda persistem as sucessivas transformações sócio-espaciais em que a sociedade, assim como a Geografia, vem passando para atender as várias necessidades do homem. Nesse retrato social por transformações constantes, o ensino de Geografia se apresenta possibilitando perspectivas para o seu melhoramento, no que diz respeito à formação de cidadãos preparados e com ótimo senso crítico. Nessa perspectiva Pontuschka (2002) expressa sua opinião,

[...] Há que se pensar em um ensino que forme o aluno do ponto de vista reflexivo, flexível, crítico e criativo. Não é uma formação para o mercado de trabalho apenas, mas um jovem preparado para enfrentar as transformações cada vez mais céleres que certamente virão. (PONTUSCHKA, 2002, p. 112).

2.2 Trabalho de Campo e Ensino

O Trabalho de Campo é um instrumento amplamente utilizado como método de ensino-aprendizagem da Geografia em diversos âmbitos escolares seja ele nos primeiros níveis da educação Básica até a Universidade como uma ferramenta de percepção da realidade

na construção de novos conceitos e aprimoramento do conhecimento geográfico. Mas este, por sua vez, tem que ser minuciosamente planejado para que não se transforme em um simples “passeio” perdendo assim, toda a contribuição que pode oferecer e se tornar em algo mecânico, em mero exercício de observação da paisagem. Como ressalta Lacoste (2006),

Esta, no essencial, funciona como uma máquina de fabricar futuros professores, isto é, ensinando-lhes não a produzir saber, a extrair do concreto o abstrato, mas a reproduzir um discurso que eles próprios terão que fazer seus alunos reproduzirem. (LACOSTE, 2006, p.85).

Para entender a essência do Trabalho de Campo é fundamental haver a articulação entre teoria e prática, para que assim possa existir a verdadeira interpretação geográfica do fenômeno e/ou da área delimitada para o estudo, caso contrário o resultado final será apenas, descrições vazias não existindo de fato sua compreensão. O Trabalho de Campo enquanto instrumento metodológico, organizado e planejado com antecedência, será um componente chave para as aulas de Geografia, pois é a partir desse instrumento metodológico que o universo da pesquisa nos é apresentado e estando o professor capacitado para tal realização, a aula de campo será realizada de forma consciente e correta, por isso é de fundamental importância o docente estar situado sobre o que a literatura diz a respeito do trabalho de campo na geografia, “[...] alguns autores o consideram como um verdadeiro método para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, bem como para a prática de ensino”. (CAVALCANTI, 2011, p.174).

O Trabalho de Campo pode ser visto como uma metodologia de ensino e pesquisa interdisciplinar, e esta por sua vez possui potencial para o desenvolvimento de habilidades como a observação, a descrição e a interpretação assim como o raciocínio crítico que irá contribuir na formação de profissionais capacitados.

O trabalho de campo traz um conhecimento com contextualização espaço-temporal e permite o confronto de diferenças a partir da multiplicidade de aspectos da realidade. A simples possibilidade de intervenção no meio onde o indivíduo se situa a partir do despertar de sua consciência já é um grande exercício de cidadania propiciado por tal atividade. (GRUPO DE ESTUDOS GEOGRAFICIDADE PAULISTANA, 2011 p.190 e 191).

O Trabalho de Campo relacionado à pesquisa é a forma pela qual podemos exercer o despertar do olhar geográfico do estudante, o que de fato possibilita na identificação dos diversos problemas sociais e na procura por soluções para tais situações, por isso é importante

que haja a “[...] distinção entre o ver e o olhar, tendo o primeiro um caráter contemplativo e o segundo, um caráter questionador”. (GRUPO DE ESTUDOS GEOGRAFICIDADE PAULISTANA, 2011 p.192). Nesse sentido, Pontuschka (1992) faz suas considerações,

A leitura, portanto, de qualquer espaço social exige que o aluno seja colocado em contato com as diferentes “marcas” que expressam a própria constituição daquele meio, ou seja: os arquivos, as memórias e a própria paisagem (os objetos materiais) que, tratados cada qual pela linguagem apropriada, encaminham o aluno à iniciação dos métodos próprios tanto ao historiador quanto ao geógrafo. O contato com os diversos documentos já produzidos (ou a serem produzidos pelos alunos), o desenvolvimento da observação direta, o treino do registro de informações, a organização e seleção de depoimentos variados, o tratamento crítico da informação, a problematização e a interpretação, resultantes oferecem caminhos demasiadamente ricos para o estabelecimento de relações mais estreitas entre a teoria-prática e entre o conteúdo-método. (PONTUSCHKA, 1992, p.46 e 47).

O Trabalho de Campo para ser pleno, tem que se iniciar muito antes da visita ao local escolhido. O planejamento é fundamental, é o que podemos chamar de pré-campo, e neste há a necessidade da discussão juntamente com os alunos sobre a real finalidade da pesquisa e sobre os locais a serem visitados para que em seguida haja a busca de informações em diversas fontes bibliográficas, o estudo teórico. Esta proposta do pré-campo é importante para o enriquecimento do conhecimento do estudante, e para que assim ele possa perceber que o Trabalho de Campo é um estudo do meio que engloba todos os aspectos, os físicos, os naturais, os culturais e os sociais, para que os resultados da pesquisa não virem descrições sem fundamentos e pobres de conteúdo.

O campo pelo campo se torna um mero passeio ou, quando muito, uma excursão, como inclusive é chamada a atividade em muitas instituições de ensino. (GRUPO DE ESTUDOS GEOGRAFICIDADE PAULISTANA, 2011 p.191).

A escolha do método a se utilizar é muito importante, pois segundo Suertegaray (2002), “[...] vemos o campo pelo olhar do método. O método escolhido é a expressão de nossa concepção do mundo, em especial faço referência aqui para o uso do método dialético”. A referida autora aborda o uso desse método no campo e explana sua concepção a respeito,

No método dialético, o campo como realidade não é externo ao sujeito, o campo é uma extensão do sujeito, como é numa outra escala a ferramenta para trabalhar uma extensão do seu corpo, ou seja, a pesquisa é fruto da interação dialética entre sujeito e objeto. (SUERTEGARAY, 2002).

Oliveira (1989) também expõe sua opinião ao fazer referência do uso do método dialético pelos professores dizendo que,

Este caminho dialético pressupõe que o professor se envolva não só com os alunos, mas, sobretudo, com os conteúdos a serem ensinados. Ou seja, o professor deve deixar de dar os conteúdos prontos para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conhecimentos e de saberes. (OLIVEIRA, 1989, p.140).

A partir desse caminho dialético o professor deixa de ser um simples transmissor de conhecimento alienado e repetitivo para participante ativo e renovador de conhecimento assim como os estudantes. Vale salientar aqui, que é através da crítica que há a renovação da ciência. E, para a geografia, é importante formar estudantes com senso crítico da realidade.

Concebemos, portanto, o trabalho de campo de forma mais ampla, como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo (SUERTEGARAY, 2002).

Ademais, ser o Trabalho de Campo um meio de articulação professor/aluno, aluno/aluno, conteúdo/método e acima de tudo forma de integração entre as diversas práticas de ensino, por ser a Geografia uma ciência interdisciplinar que oferece tanto ao professor quanto ao aluno, conteúdos diversos e articulados passíveis de aproximação com a realidade. Dessa forma, Moreira et.al., (2010), ressalta que é através da realização do trabalho de campo que,

[...] outros valores de grande relevância são acrescentados, como cooperação na realização de trabalhos em equipe, gosto pelo estudo e pela investigação, desenvolvimento da sensibilidade e da percepção. Estreitamento das relações professor-aluno e aluno-aluno e das relações entre comunidade acadêmica e meio ambiente (MOREIRA et.al., 2010).

Trabalho de Campo é, portanto, uma forma de percepção da realidade por parte dos alunos que irá favorecer na construção de novos conceitos, é também um meio de aprimorar o conhecimento e a educação geográfica e traz consigo uma melhor compreensão do que é visto em sala de aula, articulando teoria e prática, e quando aplicado de forma metodologicamente correta torna-se um suporte pedagógico essencial para suplantar as dificuldades encontradas no ensino da geografia.

A ideia aqui passada é a de refletir sobre a própria prática pedagógica, caso contrário o professor de geografia não irá progredir satisfatoriamente quando a questão levantada é a formação de profissionais capacitados em leituras, descrições e interpretações dos códigos sociais que envolvem a geografia.

CAPÍTULO III – Levantamento Diagnóstico sobre a realidade do “Trabalho de Campo” no curso de Geografia da UFPB

Estudar Geografia não se restringe apenas a fazer leitura ou pesquisa em gabinete, ela é antes de tudo, vivência, é também experiência fora da sala de aula. É relevante saber a opinião e as experiências vivenciadas pelos estudantes de Geografia em campo além das suas expectativas a respeito do uso dessa ferramenta e a contribuição para a sua formação.

Partindo dessa perspectiva, o presente capítulo apresentará os resultados do levantamento diagnóstico sobre a realidade do Trabalho de Campo no curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, partindo da coleta e análise dos dados obtidos a partir da aplicação de questionários com os alunos a respeito do Trabalho de Campo como instrumento didático-pedagógico na formação do professor de Geografia.

3.1 Aspectos Metodológicos

3.1.1 Conceito de método

Jolivet (*apud* Lakatos & Marconi, 1991, p. 39) diz que o método “é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado” “[...] é o caminho a seguir para chegar à verdade nas ciências”. Desse modo, Lakatos & Marconi (1991), concluem que:

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões (LAKATOS & MARCONI, 1991, p. 40-41).

3.1.2 Tipos de estudo

Os tipos de estudos existentes são: os exploratórios, os descritivos e os experimentais. Para Triviños, (1987) os estudos exploratórios,

[...] permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. [...] Outras vezes, deseja delimitar ou manejar com maior segurança uma teoria cujo enunciado resulta demasiado amplo para os objetivos da pesquisa que tem em mente realizar. [...] Um estudo exploratório, por outro lado, pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa (TRIVIÑOS, 1987. p. 109).

Triviños (1987 p. 110) ainda tece considerações sobre os estudos descritivos e experimentais como sendo,

“[...] O estudo descritivo pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Ainda segundo Triviños (1987) o estudo experimental exige um planejamento rigoroso. Em geral as etapas de um processo de experimentação partem de uma exata formulação do problema e das hipóteses que permitem uma delimitação precisa das variáveis que atuam sobre o fenômeno, fixando com exatidão a maneira de controlá-las (TRIVIÑOS, 1987. p. 109).

3.1.3 Conceito de análises de dados qualitativos e quantitativos

Otani & Fialho (2011, p. 37) consideram que a pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto no processo de coleta de dados quanto na utilização de técnicas estatísticas para o tratamento dos mesmos, tem como principal qualidade a precisão dos resultados, sobretudo utilizado em estudos descritivos, que procuram descobrir e classificar a relação de causalidade entre as variáveis da hipótese estabelecida, bem como estabelecer a causalidade entre os fenômenos.

Em relação à pesquisa qualitativa os referidos autores acima citados dizem que este tipo de pesquisa “Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave” (OTANI & FIALHO, 2011 p. 37-38). Desse modo, podemos considerar esta pesquisa, também qualitativa.

3.1.4 Método aplicado ao trabalho

Para cumprir o objetivo deste trabalho, que foi o de fazer um levantamento das disciplinas do curso de geografia que realizam o trabalho de campo semestralmente e o de analisar a importância desse trabalho de campo como método de ensino-aprendizagem capaz de instrumentalizar o futuro professor na prática da aula de campo; foi efetivada uma pesquisa de campo com cento e cinco (105) alunos das dez (10) disciplinas do Curso de Geografia da UFPB. O tipo de pesquisa é exploratório e a forma de análise de dados é quantitativa. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário estruturado composto por oito questões abertas direcionadas aos alunos com respostas escritas de forma direta e entrevista estruturada com sete questões abertas direcionadas aos professores dessas disciplinas com respostas gravadas e que estão disponíveis no Apêndice A. A pesquisa foi realizada no mês de março e

abril de 2013 e a análise e interpretação dos resultados foram baseadas em tabelas e quadros que são apresentados na sequência.

O questionário em si pode ser considerado um instrumento de investigação que nos revela informações e conhecimentos acerca de experiências vividas ou expectativas de determinado assunto. Conforme ressalta Cavalcanti (2011),

Na ciência geográfica os instrumentos de coleta de dados mais frequentes são: a entrevista e o questionário. Pelo fato de possuírem uma lista de indagações que ao serem respondidas, oferecem ao pesquisador as informações necessárias para o pleno êxito de sua pesquisa, obtendo-se um conhecimento verbal do fato ou fenômeno pelo pesquisado, apesar de que em alguns casos, o pesquisador não terá a oportunidade de observar diretamente os acontecimentos. (CAVALCANTI, 2011, p. 172).

A utilização do questionário é essencial na pesquisa científica, e sua elaboração e aplicação requerem cuidados e rigor. De acordo com Marangoni (2009) o termo questionário é usado,

[...] para determinar uma listagem de questões que devem ser respondidas, mas não uma listagem qualquer. Questionários para uma pesquisa científica deverão obedecer a requisitos como serem estruturados a partir de hipóteses claras e a redação ter objetividade, clareza, organização lógica e agrupamento de questões, quando cabível e necessário, boa apresentação gráfica e concisão (MARANGONI, 2009, p. 168).

Existem tipos variados de questionários, nesta pesquisa utilizamos o tipo aberto, que proporciona a pessoa entrevistada uma maior liberdade nas respostas, porém, a interpretação desse tipo de questionário é mais complexa, se levarmos em consideração as respostas abertas obtidas que são bem diversificadas⁸.

3.2 Análise de dados e interpretação de resultados a partir da aplicação de questionários.

Em primeiro lugar o critério utilizado para a aplicação dos questionários foi à seleção das disciplinas obrigatórias da grade curricular do curso de Geografia da UFPB no período 2012.2 que realizam o trabalho de campo semestralmente.

⁸ Existem três tipos de Questionários, são eles: questionários do tipo aberto que se utiliza de perguntas com respostas abertas proporcionando ao entrevistado liberdade nas respostas; questionários do tipo fechado em que na sua construção é levado em consideração perguntas com respostas fechadas para a obtenção de dados para comparação com os outros obtidos, porém esse tipo facilita a resposta que o entrevistado irá responder mesmo ele não sabendo o que deveria fazer; e os questionários do tipo misto que apresentam em seu conteúdo perguntas e respostas do tipo aberto e fechado (Elaboração própria).

A Tabela 1 abaixo mostra as disciplinas da grade curricular do curso de Geografia, os professores que realizam trabalho de campo semestralmente e os seus respectivos períodos.

Tabela 1 – Disciplinas da grade curricular do curso de Geografia da UFPB que realizam trabalho de campo semestralmente - período 2012.2

PROFESSORES	DISCIPLINAS	PERÍODO
1- Maria Franco Garcia	Teoria da Região e Regionalização	2ª Período
2- Pedro Costa Guedes Vianna	Leitura e Interpretação de Cartas	2ª Período
3- Emília de Rodat Fernandes Moreira	Geografia Regional da Paraíba	3ª Período
4- Marco Antonio Mitidiero Junior	Geografia Agrária	4ª Período
5- Emília de Rodat Fernandes Moreira	Geografia do Brasil	4ª Período
6- Maria de Fátima de Albuquerque Rangel Moreira	Cartografia Temática	5ª Período
7- Giovanni de Farias Seabra	Biogeografia	5ª Período
8- Eliana Alda de Freitas Calado	Geografia Urbana	6ª Período
9- Giovanni de Farias Seabra	Geografia Física Aplicada	6ª Período
10- Sérgio Fernandes Alonso	Iniciação à Pesquisa Geográfica	7ª Período

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria.

Atualmente a grade curricular do curso de Geografia (Licenciatura e Bacharelado) é composta por 28 disciplinas obrigatórias. Analisando a tabela acima observamos que 10 dessas disciplinas realizam o trabalho de campo, um número relativamente considerável em relação ao número total de disciplinas obrigatórias contidas na grade curricular das duas habilitações.

O segundo passo foi o acesso à lista de alunos matriculados regularmente no curso de geografia. A justificativa aqui apresentada para que as disciplinas optativas que realizam trabalho de campo, não fossem incluídas nesta pesquisa foi pelo fato de que as referidas disciplinas são ofertadas pelo Departamento de Geociências para diversos outros cursos e apenas um pequeno número de estudantes da Geografia é matriculado, por existir nessas disciplinas, um número de vagas restrito para alunos da Geografia.

O terceiro passo da pesquisa, foi o de saber qual seria o universo de alunos necessário para compor o número amostral para a aplicação dos questionários nas disciplinas selecionadas para o estudo, buscamos aplicar a metodologia do cálculo de ajuste para o

tamanho da população que de acordo com Lauris (2009) “a quantidade adequada de elementos da amostra pode ser calculada, a partir [...] do tamanho da população”. Com base neste mesmo autor,

Na maioria das pesquisas científicas é praticamente impossível se avaliar todos os elementos que compõem uma população de interesse de estudo. Isto se deve principalmente ao custo e tempo necessário para coletar dados de toda população. (LAURIS, 2009, p. 6).

Nesse sentido, com o propósito de estudar a população composta de alunos e professores cujas disciplinas realizam o Trabalho de Campo no Curso de Geografia da UFPB e de chegar a um número aproximado que veio compor o universo desta pesquisa, foi retirada dessa população, uma porção representativa conhecida como “amostra”, qualitativa e quantitativa, e dessa amostra, foram coletados os dados. Segundo Pocinho (2009),

Amostra é um subconjunto retirado da população, que se supõe ser representativo de todas as características da mesma, sobre o qual será feito o estudo, com o objetivo de serem tiradas conclusões válidas sobre a população. (POCINHO, 2009, p. 9)

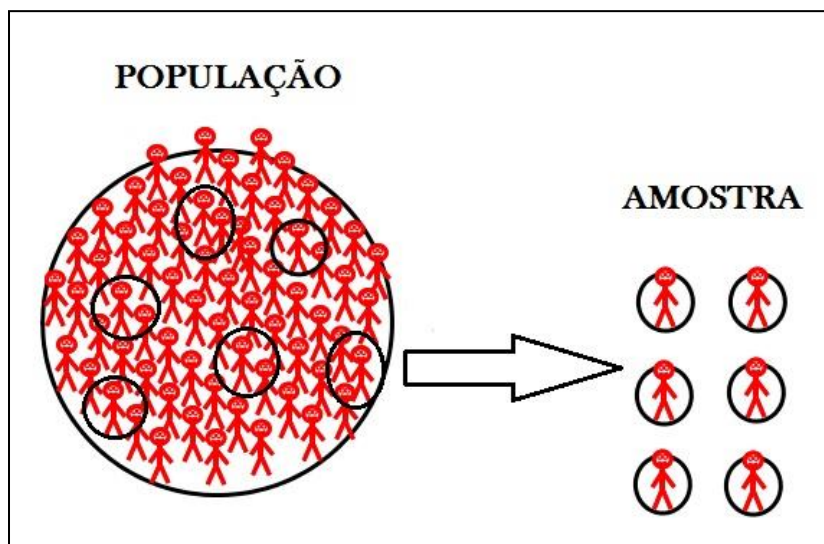


Figura 1 – Esquema da porção representativa da população. Elaboração própria.

De acordo com Pocinho (2009) ressaltamos que “[...] a amostra varia muito de pesquisa para pesquisa. Porém, deve se levar em conta o tamanho da população. [...] quanto maior a homogeneidade da população, menor a amostra a ser pesquisada” (POCINHO, 2009,

p. 11). Nesse sentido, foi feita essa referência à homogeneidade da população pelo fato de todos os participantes serem de um único curso, Geografia.

Com relação à qualidade da amostra, esta análise fez alusão do "como e onde" se devem selecionar os elementos da amostra. Neste caso, foram selecionadas as disciplinas que realizam o Trabalho de Campo semestralmente. Com relação à quantidade da amostra, a análise realizada fez alusão ao cálculo para se obter o número adequado de elementos que compõem o universo da pesquisa, sendo assim, a amostra foi calculada a partir do tamanho total da população das 10 disciplinas selecionadas que contemplaram 357 alunos referente ao N = tamanho da população total constante na fórmula, e deste total, foi escolhido um valor arbitrário que se aproximasse a metade do total da população que foi 150 constante na fórmula como sendo n = tamanho calculado, desse valor ajustado aplicando-se a fórmula chegamos a amostra de 105, ou seja, N ajustado que é o resultado referente a população a ser entrevistada, uma base amostral adquirida mediante o cálculo da amostra segundo Lauris (2009), amostra esta que veio a compor o universo desta pesquisa, acrescido dos 10 professores das correspondentes 10 disciplinas escolhidas para o estudo. A seguir podemos observar o cálculo da amostra utilizado e o resultado final desta pesquisa:

$$N_{ajustado} = \frac{n}{1 + (n/N)}$$

n = tamanho calculado
 N = tamanho população

Fórmula utilizada para o cálculo de ajuste para o tamanho da população, segundo LAURIS, José R. P. **Cálculo da Amostra.**

Disponível em: http://www.fop.unicamp.br/reuniao/downloads/3dia_Lauris_Calculo_Amostra.pdf Acessado em: 04/04/2013.

$$N = \frac{150}{1 + (150/357)} = \frac{150}{1,42} = 105,63$$

Cálculo de ajuste para o tamanho da população desta pesquisa; Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria.

Sendo a Amostra o conjunto de elementos retirados da população, suficientemente representativos dessa mesma população, estaremos aptos para analisar os resultados como se estudássemos toda a população [...]. (POCINHO, 2009, p. 9).

Com a base amostral de 105 alunos definida, iniciamos o quarto passo que foi a aplicação dos questionários com os alunos matriculados nas disciplinas selecionadas e entrevistas com os professores das referidas disciplinas. Os questionários e entrevistas foram compostos de perguntas direcionadas ao objetivo central do estudo. Marangoni (2009) faz uma interessante colocação a respeito da aplicação de questionários,

[...] Concluída a fase de aplicação, deve-se proceder à tabulação dos dados, o mais cedo possível, para que não se percam detalhes do procedimento e se possam corrigir eventuais falhas de informações [...]. (MARANGONI, 2009, p. 172).

3.2.1 Análise dos dados coletados.

Aqui serão analisados os dados obtidos mediante a aplicação dos questionários com os alunos matriculados nas disciplinas que realizam o Trabalho de Campo semestralmente. Os dados apresentados a seguir, foram selecionados e separados por questões de acordo com as respostas que mais se aproximavam e/ou se repetiam. Segundo Cavalcanti (2011),

A seleção dos dados coletados é um exame detalhado, devendo-se processar uma verificação crítica, com o intuito de identificação das falhas, evitando-se informações incompletas ou distorcidas, que poderão prejudicar o resultado da pesquisa. Em alguns casos o pesquisador por não observar os aspectos mais importantes, registra uma enorme quantidade de dados; em outros casos, os registros ficam sem um detalhamento suficiente. (CAVALCANTI, 2011, p. 172).

Feita essa triagem, a partir daí, foram elaborados tabelas e quadros referentes a cada pergunta feita trazendo respostas variadas, mas com coerência entre si. A primeira pergunta feita diz respeito à escolha do curso de Geografia.

- O que levou você a escolher o curso de bacharelado e licenciatura em geografia como opção profissional?

Diante das respostas dos alunos para esta primeira pergunta (Quadro 1), observamos que a maioria (70,5%) afirmou que suas escolhas foram por interesse pessoal, seguida pela Influência da disciplina Geografia no Ensino Básico (22%) e pela resposta, interesse em lecionar (6,5%). Somente uma resposta se apresentou em branco (1%).

Quadro 1 – Percentual das respostas dos alunos referentes à primeira pergunta. O que levou você a escolher o curso de bacharelado e licenciatura em geografia como opção profissional?

Respostas	Percentual (%)	Nª Absoluto
Interesse pessoal	70,5	74
Influência da disciplina no Ensino Básico	22	23
Interesse em lecionar	6,5	7
Em branco	1	1

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria.

Ao analisarmos as respostas da primeira pergunta mostrada no Quadro 1, podemos observar que a maioria dos estudantes de Geografia da UFPB dos diversos períodos pesquisados, entraram no curso por interesse pessoal, e este quesito por sua vez, englobou também respostas articuladas com: 1) o campo de trabalho profissional que o curso oferece; 2) para se ter uma formação acadêmica; 3) para buscar se conhecimentos sócio espaciais; 4) por que gosta de pesquisa e meio ambiente; 5) para ser geógrafo e professor; 6) por que o curso também é noturno e muitos não tem disponibilidade de estudar pela manhã; 7) por que o curso é de fácil aprendizagem; e 8) por ser sua segunda opção. Todas essas escolhas estão voltadas principalmente, para a Geografia, por ser esta uma área do conhecimento que envolve a relação do homem/meio ambiente ou homem/espaço geográfico.

Levando-se em consideração as respostas dos alunos acerca da opção pelo curso de Geografia, alguns relataram que suas escolhas estavam relacionadas com,

“[...] a possibilidade de poder conhecer e ampliar meus conhecimentos a cerca dos eventos que ocorrem na Terra, bem como, a possibilidade de atuar como educador e contribuir na formação de uma sociedade mais justa e esclarecida no que diz respeito à relação homem x natureza”. (Relato de um aluno do 7ª período do curso de Geografia da UFPB).

Outros alunos recém-ingressados na universidade, a exemplo de um aluno do 2º período, deixa bem claro em seu depoimento o desejo de ser professor:

“De início, sentia necessidade de lecionar, mas no decorrer do curso pude perceber que a Geografia pode me proporcionar outras vertentes, porém meu desejo de ser professor continua latente”. (Relato de um aluno do 2ª período do curso de Geografia da UFPB).

Outro ponto interessante que os alunos apresentaram em suas respostas, é o fato de escolherem seus cursos por influência de algum professor do ensino básico ou influência de algum membro da família. Mas o que chamou a atenção foi o fato de alguns alunos terem escolhido o Curso de Geografia como um complemento tanto do currículo, como graduado de um curso anterior como o depoimento a seguir:

“Após concluir o curso de Geoprocessamento no IFPB vi na Geografia uma oportunidade de continuar a expandir o conhecimento na área humana”. (Aluno do 3ª período do curso de Geografia da UFPB).

O curso de Geografia da UFPB está voltado à formação de profissionais que busquem desenvolver atividades relacionadas à pesquisa, a extensão e ao ensino. Desse modo, é de grande relevância que o profissional formado em Geografia saiba unir teoria e prática e poder aplicá-los em atividades de caráter pedagógico e técnico.

A segunda pergunta do questionário está voltada de forma direta para o universo da pesquisa em questão.

➤ Qual a importância do Trabalho de Campo na formação do profissional de geografia?

Nesta segunda pergunta encontramos três respostas em comum: 1) para adquirir conhecimentos; 2) importante na formação do professor e do geógrafo; e 3) para unir teoria e prática. Ao analisarmos observamos que estas respostas estão articuladas entre si.

O Quadro 2 mostra que a maioria (45%) dos alunos de Geografia afirmaram que o Trabalho de Campo é fundamental para se adquirir conhecimentos, visto que, é através dessa ferramenta que muitos alunos são inseridos no universo da pesquisa geográfica. A segunda resposta mais concorrida (36%) dos alunos confirmaram que o Trabalho de Campo proporciona a articulação entre a teoria e a prática. A terceira resposta em que (19%) dos alunos afirmaram que o Trabalho de Campo é importante na formação do professor e geógrafo. Sendo assim, a partir desses resultados fica bem claro a real importância dessa ferramenta o Trabalho de Campo na formação do profissional da geografia.

Quadro 2 – Percentual das respostas dos alunos referentes à segunda pergunta. Qual a importância do trabalho de campo na formação do profissional de Geografia?

Respostas	Percentual (%)	N^a Absoluto
Adquirir conhecimentos	45	47
Para unir teoria e prática	36	38
Importante na formação do professor e do geógrafo	19	20

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria.

Com base na pesquisa realizada apresentamos aqui alguns relatos de alunos sobre as respostas do questionário que explicam de forma clara e coerente a importância do Trabalho de Campo como um componente-chave das aulas de Geografia:

“O trabalho de campo é de extrema relevância, pois este permite ao professor e ao aluno, uma experiência empírica com temas que muitas vezes, por estarem apenas em um plano cartográfico (livros, mapas e etc.) inviabilizam uma compreensão mais apurada do real e dos fatos”. (Aluno do 7^a período de Geografia da UFPB).

“O trabalho de campo é o laboratório do geógrafo, é onde ele vivência e aprende a realidade que tem acesso nos livros. É práxis, é uma experiência riquíssima”. (Aluno do 4^a período de Geografia da UFPB).

Essa expressão de que o campo é o “laboratório do geógrafo” é muito difundida pelos estudantes de Geografia. É na verdade o local onde muitos buscam vivenciar tudo aquilo que aprenderam na universidade. Sendo assim, de acordo com os resultados obtidos, os alunos do curso de Geografia da UFPB, sabem da real finalidade dessa ferramenta o Trabalho de Campo e de sua importância para a formação de opiniões e de críticas, acrescentando que o Trabalho de Campo é um instrumento para desfazer a dicotomia existente entre Geografia física e humana.

Com base ainda nessa segunda questão, “Qual a importância do ‘Trabalho de Campo’ na formação do profissional de geografia?” as respostas dos professores (Tabela 1) entrevistados seguem o mesmo raciocínio dos estudantes, em ser o Trabalho de Campo relevante na formação do profissional da geografia conforme relato de um professor:

– O “Trabalho de Campo” faz parte do surgimento da Geografia enquanto ciência. Quando ela surgiu no século XVIII e XIX, a maior parte dos geógrafos que são tidos

como pai da Geografia, eram pesquisadores de campo então, está na tradição da Geografia que perdura até hoje. A experiência de campo deve ser o momento em que os alunos têm contato com a realidade e este contato é mediado não apenas pela curiosidade e sim pelas teorias e conceitos que são tratados dentro da sala de aula. Então é o momento de interação entre teoria e prática, que os alunos têm essa possibilidade de vivenciar, então é de suma importância o “Trabalho de Campo” para a Geografia (Relato de um professor do Curso de Geografia da UFPB, abril de 2013).

A terceira pergunta do questionário aborda os pontos fortes e os pontos fracos do o Trabalho de Campo e como será possível visualizar. Quase todos os resultados negativos apontam para uma única questão.

- Quais são os pontos fortes e os pontos fracos do “Trabalho de Campo” no curso de geografia da UFPB?

Nessa terceira questão os dois pontos foram trabalhados separadamente, no primeiro quesito apresentamos os resultados referentes aos pontos fortes do trabalho de campo. O Quadro 3 mostra as cinco respostas diferentes e positivas que foram levantadas: 1) Adquirir conhecimento; 2) Bom envolvimento de professores e alunos; 3) Importante para a formação; 4) Elevado número de realização; 5) União entre teoria e prática. O que chamou atenção nessa questão referente aos pontos fortes do trabalho de campo foi que, de todos os questionários aplicados, 17 se encontravam sem qualquer assinalação para a referida questão, ou seja, os alunos não apresentaram pontos positivos que caracterizassem o Trabalho de Campo.

Quadro 3 – Percentual das respostas dos alunos referentes à terceira pergunta. Quais são os pontos fortes do “Trabalho de Campo” no curso de geografia da UFPB?

Respostas	Percentual (%)	Nª Absoluto
Adquirir conhecimento	52,5	52
Bom envolvimento de professores e alunos	15	16
Importante para a formação	1	1
Elevado número de realização	5	5
União entre teoria e prática	10,5	10
Sem resposta/branco	16	16

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria.

De acordo com o Quadro 3, o principal ponto forte do trabalho de campo é a aquisição de conhecimento, pois mais de 50% dos alunos entrevistados optaram por esta resposta com base no apreender Geografia na prática do Trabalho de Campo aplicando tudo o que foi visto e aprendido em sala, de aula e que será desenvolvido no campo.

Analisadas as respostas da terceira pergunta do questionário são basicamente iguais com as respostas apresentadas na segunda questão. Sendo assim, os alunos reforçam nessa questão o que eles já haviam dito antes sobre a importância do trabalho de campo no curso de Geografia. Contudo, os pontos fracos apontam principalmente para uma questão: a falta de infraestrutura para a realização de um bom trabalho de campo. Apesar do número desse quesito ser alto, como veremos no Quadro 4, a seguir, ressaltamos que (11,4%) dos alunos responderam que não havia nenhuma dificuldade na realização e na participação em um trabalho de campo e (9,5%) dos alunos entrevistados não quiseram explicar sua opinião a respeito deixando assim o campo da resposta em branco.

Quadro 4 – Percentual das respostas dos alunos referentes à terceira pergunta. Quais são os pontos fracos do “Trabalho de Campo” no curso de geografia da UFPB?

Respostas	Percentual (%)	Nº Absoluto
Falta de Infraestrutura	61	62
Falta de Organização/Planejamento	7,6	6
Maior quantidade de Campos	8,6	8
Tempo disponível	1,9	2
Sem respostas/branco	9,5	10
Nenhuma dificuldade	11,4	12

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria

A falta de infraestrutura para a realização de um bom trabalho de campo apresentada pelos alunos, engloba questões como: 1) “Falta de recursos disponibilizados pela UFPB, a exemplo de diárias para o aluno e o professor”; 2) “um melhor meio de transporte e alojamento”; 3) poucos trabalhos de campo realizados durante os períodos; e 4) trabalho de campo cancelado por problemas mecânicos na condução, como vemos no relato a seguir:

“Um ponto a se melhorar é a burocracia em torno dessas viagens, o que compromete e chega até a cancelar roteiros programados na véspera da viagem”. (Relato de um aluno do 3ª período do curso de Geografia da UFPB).

Nessa terceira questão acerca dos pontos fracos do “Trabalho de Campo” no curso de geografia da UFPB o relato de um dos professores entrevistados reforça a resposta dada pelo aluno no depoimento anterior como veremos a seguir:

– O ponto fraco é a dificuldade que tenho de realizar os “Trabalhos de Campo”, seja porque as turmas são muito grandes e às vezes não tem ônibus suficiente para absorver essa população, seja porque fazer um “Trabalho de Campo” com essas turmas muito grandes é muito difícil e acaba fazendo aquele trabalho que não era o que você gostaria de fazer porque o número de pessoas é maior do que aquele que normalmente deveríamos levar para o campo. Outro problema também que dificulta o “Trabalho de Campo” é a incerteza do transporte que nunca sei se esse transporte sai e se não sai. Nesse semestre, por exemplo, todos os trabalhos de campo que programei simplesmente fracassaram porque os transportes não foram confirmados, ou foram confirmados na véspera e no dia não compareceram e não foi possível realizar o campo. Então essa falta de certeza de não ter o transporte certo para realizar o “Trabalho de Campo” é muito complicado. E o ponto forte do “Trabalho de Campo” no Curso de Geografia da UFPB é exatamente a possibilidade de levar o aluno em campo depois de trabalharmos a teoria em sala de aula, levando o aluno para conhecer a realidade concreta fazendo essa ponte entre o teórico e o concreto (Relato de um professor do Curso de Geografia da UFPB, abril de 2013).

Diante das questões levantadas, o mais interessante foi a sensível diferença mostrada nas tabelas e quadros, pois se atentarmos bem para os resultados, pode-se observar que alunos e professores levantaram mais questões positivas do que negativas, ou seja, mais pontos fortes do que pontos fracos na realização de um trabalho de campo.

A quarta questão do questionário aborda o uso dos roteiros de campo, este por sua vez, irá se apresentar como o principal guia de professores e alunos nos trabalhos de campo.

- Do ponto de vista da informação e da aprendizagem geográfica, os roteiros de campo são condizentes para a formação do profissional de Geografia?

O roteiro de campo é componente essencial para o bom funcionamento do trabalho de campo. É de fundamental importância que professores e alunos trabalhem juntos para a confecção do mesmo, visto que este momento é conhecido como pré-campo, em que conhecimentos e opiniões são trocados a respeito do objeto de estudo em questão. No quadro abaixo é possível visualizar as respostas dadas pelos alunos para tal questão.

Quadro 5 – Percentual das respostas dos alunos referentes à quarta pergunta. Os roteiros de campo são condizentes para a formação do profissional de Geografia?

Respostas	Percentual (%)	N^a Absoluto
Sim	78	82
Não	6,5	7
Na maioria das vezes	10,5	11
Deixa a desejar	1	1
Sem respostas/branco	4	4

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria

Como pode ser visto no Quadro 5, a maioria dos alunos (75%) responderam sim, que os roteiros de campo apresentados pelos professores condizem com a temática em questão, e que de acordo com ponto de vista da informação e da aprendizagem geográfica, são fundamentais para a formação do profissional de Geografia. Como podemos observar nos relatos de alguns dos alunos entrevistados:

“Sim, pois são elaborados pelos professores, que por sua vez, são capacitados para conduzir uma aula de campo satisfatória em termos de aprendizagem”. (Relato de um aluno do 2^a período do curso de Geografia da UFPB).

“Sim, pois da parte dos professores todos os estudos de campo que fazemos, são complementares para as disciplinas, isto é, os roteiros são cuidadosamente pensados para garantir êxito na formação do aluno”. (Relato de um aluno do 4^a período do curso de Geografia da UFPB).

Visto que o roteiro de campo é um guia para o “Trabalho de Campo” e também a posteriori, para a elaboração do relatório, este, apresenta uma série de ideias bem organizadas e os locais a serem trabalhados, controlando o tempo necessário entre as paradas e/ou pontos de observação.

Apesar da maioria (75%) dos depoimentos positivos, como visualizamos no Quadro 5, alguns alunos, a minoria (6,5%) ainda mostram certa insatisfação mas, somente, na elaboração de alguns roteiros, alegando que não são repassados para os alunos, ou não são seguidos como planejado em classe. Diante dos resultados, em números, nessa questão, os positivos superam os pontos negativos apresentados, tendo assim, os roteiros mais a contribuir

do que desfavorecer o desenvolvimento do trabalho de campo. Com referencia a este ponto ou questão abordada, mostramos o relato de um professor entrevistado dando sua opinião a respeito da elaboração dos roteiros de campo:

–Bem, os roteiros de campo são voltados sim para a formação do aluno, uma vez que é um roteiro feito pelo professor, mas com base na disciplina que ele está ministrando, quer dizer, os ensinamentos que ele vai passar no campo são ensinamentos que são vistos em sala de aula. Fazer uma aula prévia de saída de campo, como eu faço, tem toda uma teoria que vai ser aplicada no campo acrescentando as notas visuais àquele trabalho, não só no que se refere a fotografias e sim fazer o desenho a mão livre da paisagem que estão vislumbrando, como por exemplo, um relevo, um acidente geográfico e etc., no campo também são tratados a parte cultural e a histórica. Tudo isso é elaborado em um roteiro e esse roteiro servirá de aprendizado e de conhecimento para o aluno, por isso que essa informação servirá e estará voltada para formação do futuro professor. (Relato de um professor do Curso de Geografia da UFPB, abril de 2013).

O Quadro 6, a seguir, mostra o resultado da quinta questão do questionário que diz respeito à participação dos alunos nos trabalhos de campo realizados pelo curso de Geografia da UFPB.

- Você é um participante ativo dos trabalhos de campo realizados no curso de geografia da UFPB?

Essa pergunta obteve respostas diretas, “Sim” e “Não”, poucos explanaram uma opinião mais longa a respeito. Somente um entrevistado não respondeu a questão.

Quadro 6 – Percentual das respostas dos alunos referentes à quinta pergunta. Você é um participante ativo dos trabalhos de campo realizados no curso de geografia da UFPB?

Respostas	Percentual (%)	Nª Absoluto
Sim	70,5	74
Não	28,5	30
Sem resposta/branco	1	1

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria

É interessante ressaltar que na segunda questão (Quadro 2), quando perguntado sobre a importância do trabalho de campo na formação profissional dos estudantes de Geografia,

todos responderam ser importante tanto para a formação como para se adquirir conhecimentos a partir da articulação entre teoria e prática. O que se confirma nesta quinta questão onde (70,5%) dos alunos responderam ser participante ativo dos trabalhos de campo. Mesmo assim, ainda houve controvérsias nas respostas porque responderam ser o trabalho de campo importante tanto para a formação como para se adquirir conhecimentos e, nesta questão (28,5%) dos alunos não participam ativamente dos trabalhos de campo realizados. Com este resultado podemos fazer uma breve análise e deduzir serem estes, os alunos do período noturno, são aqueles que trabalham. Como podemos observar nos depoimentos a seguir:

“Não, não participo ativamente dos trabalhos de campo pela questão de trabalhar em tempo integral, sem disponibilidade para essas atividades”. (Relato de um aluno do 3ª período do curso de Geografia da UFPB).

Por outro lado, apesar desta realidade vivida por alunos que estudam no período noturno, dividindo seu tempo entre trabalho e estudo, existem outros alunos que também se encontram nessa mesma situação e se esforçam para estarem presentes nos trabalhos de campo.

“Sim, mesmo estando trabalhando sempre dou um jeito de poder participar. Pois compreendo a sua importância para a minha formação acadêmica”. (Relato de um aluno do 3ª período do curso de Geografia da UFPB).

Conviver com essa realidade é realmente difícil, porém um esforço sempre vale à pena, pois o trabalho de campo na Geografia serve “[...] como base da pesquisa e da produção do conhecimento geográfico [...]” (SERPA, 2006, p.21).

Como vimos nos resultados da pesquisa, à maioria dos alunos, por sua vez, estão dispostos a participar do trabalho de campo mesmo aqueles em que a disciplina do “Trabalho de Campo” não seja a disciplina que ele está cursando no momento, mas, que o intuito é o de adquirir conhecimento. Um aluno do 7ª período relata:

“Sim, todos os trabalhos de campo de disciplinas que eu estava cursando e outras que eu já havia cursado”. (Relato de um aluno do 7ª período do curso de Geografia da UFPB).

Portanto, participar do “Trabalho de Campo” é fundamental para se adquirir informações e experiência, pois a Geografia, sem dúvida, não está vinculada somente a teorias trabalhadas em sala de aula com leituras e pesquisa em gabinete. É fora da sala de aula (no campo) que melhor compreendemos as informações transmitidas pelo professor.

Na entrevista realizada com os professores das disciplinas escolhidas para esta pesquisa quando perguntado se realizam trabalhos de campo semestralmente na disciplina que ministra, alguns dos professores responderam:

– Sim, realizo como uma necessidade, porque o “Trabalho de Campo” passa a ser uma avaliação (Relato de um professor do Curso de Geografia da UFPB, abril de 2013).

–Todos os semestres eu realizo “Trabalhos de Campo”. Todos os semestres desde 1980 (Relato de um professor do Curso de Geografia da UFPB, abril de 2013).

No Quadro 7 abaixo analisamos as respostas dos alunos sobre a sexta questão que reforça sobre os pontos fracos referentes à terceira pergunta do questionário. Porém, novas respostas foram apresentadas para caracterizar as dificuldades mais comuns que os alunos encontram na realização do trabalho de campo no curso de Geografia. Partindo dessa observação foi indagado aos alunos sobre:

- Quais são as suas dificuldades durante a realização do trabalho de campo?

Quadro 7 – Percentual das respostas dos alunos referentes à sexta pergunta. Quais são as suas dificuldades durante a realização do trabalho de campo?

Respostas	Percentual (%)	N^a Absoluto
Falta de Infraestrutura	51,5	54
Tempo disponível	9,5	10
Cansaço	3	3
Orientação/comprometimento	10,5	11
Curta duração	2	2
Sem respostas/branco	7,5	8
Nenhuma dificuldade	16	17

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria

A maioria (51,5%) dos alunos apresentou nessa questão sobre as suas dificuldades durante a realização do trabalho de campo uma resposta que vinculava à falta de Infraestrutura, reforçando assim, as respostas dadas na terceira questão. A essa vinculação da resposta à falta de infraestrutura destaca-se: 1) não ter ônibus disponível para os dias agendados; 2) pelo campo ser cancelado por problemas mecânicos no ônibus, sem aviso prévio; 3) pela administração alegar a inexistência de recursos suficientes para passar mais de um dia em campo, devido a inexistência de diária para o motorista que é terceirizado (não faz parte do quadro permanente da universidade, então, não possui cartão corporativo); 4) por não ter diária para o estudante (que poderia ser reconhecido como um dos principais fatores da não participação dos alunos nos trabalhos de campo realizados pelo curso), etc. Observe a resposta de um dos alunos questionados sobre a dificuldade que ele aponta para a realização do trabalho de campo:

“Uma dificuldade que encontro é falta de suporte financeiro não apoiado pela universidade, eu não participo dos trabalhos de campo por questões financeiras”. (Relato de um aluno do 5^a período do curso de Geografia da UFPB).

Todavia, essa resposta é acompanhada pelo segundo lugar dentre as respostas a esta questão onde (16%) dos alunos disseram não haver nenhuma dificuldade na realização do trabalho de campo.

“Não vejo nenhuma dificuldade, sempre estou disposta a passar por tudo”. (Relato de uma aluna do 5^a período do curso de Geografia da UFPB).

Apesar dos questionamentos em torno da infraestrutura, que é uma grave questão, e que deve ser trabalhada com cuidado, os alunos sempre estão dispostos a participar dos trabalhos de campo promovidos pelas disciplinas do curso de Geografia da UFPB, mesmo com curta duração no campo e a atividade ser cansativa, pontos levantados pelos alunos.

Os demais itens foram pouco pontuados e, portanto pouco relevantes. Mas, em relação ao tempo, apesar do baixo percentual (9,5%) diz respeito à disponibilidade que alguns alunos não têm em certos dias da semana, de participarem do campo. Principalmente os alunos do período noturno que trabalham em tempo integral. A solução encontrada pela maioria dos professores foi à realização do campo durante os finais de semana, no máximo dois dias para a realização de todo o percurso desejado.

Na entrevista, quando perguntamos aos professores se eles tem alguma dificuldade na realização do trabalho de campo, obtivemos a seguinte resposta:

– A dificuldade que eu tenho na realização do Trabalho de Campo, não é com relação aos alunos, mas sim sobre a dificuldade de ir para o campo sem diária para alunos e professor. O professor tem que providenciar hospedagem para os alunos, e é uma dificuldade exigir deles o dinheiro para pagar hospedagem, por exemplo, eu não tenho diária, mas pago do meu salário, e era para cada professor ter uma diária obrigatória. Às vezes o aluno deixa de ir ao campo porque não tem o dinheiro para pagar a hospedagem, e eu busco sempre uma hospedagem gratuita ou mais barata para todos e isso é uma dificuldade que eu sinto no Trabalho de Campo além de não ter um ônibus fixo, existe um micro-ônibus, mas devido à grande demanda de professores que realizam Trabalhos de Campo, às vezes não conseguimos realiza-lo na data que queremos marcar, por isso a disponibilidade do ônibus é uma dificuldade também (Relato de um professor do Curso de Geografia da UFPB, abril de 2013).

A sétima pergunta do questionário trata da questão do trabalho de campo tornar-se uma disciplina componente da grade curricular do curso de Geografia da UFPB, obtivemos respostas interessantes, pois alguns alunos deram suas respostas pensando no bem estar dos colegas de curso que não tem condições de estarem presentes em todos os campos promovidos pelo curso.

- Você gostaria que o trabalho de campo fosse regulamentado como uma disciplina componente curricular do projeto pedagógico do curso de geografia? Se sim, como e por quê?

O trabalho de campo no curso de Geografia da UFPB se configura como sendo uma ferramenta componente das disciplinas ofertadas pelo curso. A seguir o Quadro 8 mostra as respostas dos alunos dadas nos questionários.

Quadro 8 – Percentual das respostas dos alunos referentes à sétima pergunta. Você gostaria que o trabalho de campo fosse regulamentado como uma disciplina componente curricular do projeto pedagógico do curso de geografia?

Respostas	Percentual (%)	Nª Absoluto
Sim	72,5	76
Não	26,5	28
Sem resposta/branco	1	1

A esta pergunta, a grande maioria (72,5%) dos alunos responderam que “sim”, que gostaria que o trabalho de campo fosse regulamentado como uma disciplina no curso de Geografia da UFPB, e que esta decisão, por sua vez, só viria a contribuir para a formação do futuro profissional de Geografia, seja ele geógrafo ou professor. De acordo com alguns relatos de alunos como o a seguir:

Sim, de forma a agregar conhecimentos específicos ao aluno. Feito com qualidade e com tempo maior (Relato de um aluno do 2ª período do curso de Geografia da UFPB).

Sim, até para quem vai fazer também licenciatura, saber como preparar, elaborar uma aula de campo, como fazer essa articulação do teórico visto em sala de aula com a observação e a prática feita em campo. E como se portar e se direcionar no trabalho de campo (Relato de uma aluna do 7ª período do curso de Geografia da UFPB).

Se analisarmos bem o que a literatura diz a respeito do “Trabalho de Campo” e de sua trajetória no ensino da Geografia, fica claro que este instrumento tem muito a oferecer como disciplina. Sendo assim, o “Trabalho de Campo” deveria ser considerado uma disciplina componente da grade curricular do curso de Geografia da UFPB, pois segundo MOREIRA et.al., (2010),

Na atualidade o trabalho de campo é um recurso metodológico de ensino-aprendizagem que vem se apossando do seu espaço oficial nas práticas curriculares da Geografia como um dos instrumentos de maior interesse e produtividade no ensino da Geografia e na formação do profissional da Geografia. (MOREIRA et.al., 2010).

Acerca da inclusão do “Trabalho de Campo” como uma disciplina componente curricular do projeto pedagógico do curso de geografia uma das professoras do curso de geografia faz um interessante relato positivamente a essa proposta:

– Bem, como eu defendi essa proposta no projeto político pedagógico sobre a existência de uma disciplina na metade da formação do aluno a partir do terceiro período sugeri uma disciplina específica de Metodologia em “Trabalho de Campo” na Região Nordeste. Dessa forma eu sou uma das ideologistas dessa proposta. (Relato de um professor do Curso de Geografia da UFPB, abril de 2013).

O restante dos alunos (26,5%) referente ao universo escolhido, responderam que “não” há necessidade do trabalho de campo tornar-se uma disciplina. Veja o porquê das respostas dos alunos nos relatos a seguir:

“Não, ela deve ser parte de algumas disciplinas e não uma disciplina, pois muitos alunos trabalham e não podem comparecer à maioria dos trabalhos de campo”. (Relato de um aluno do 6º período do curso de Geografia da UFPB).

“Não, o trabalho de campo é interdisciplinar e deve está inserido em todas as disciplinas do curso, adequando-se aos seus conteúdos”. (Relato de um aluno do 7º período do curso de Geografia da UFPB).

Devido à maioria dos alunos trabalharem, este é um dos motivos de não concordarem com a oficialização do “Trabalho de Campo” como disciplina, alegando que um trabalho de campo por disciplina já é suficiente e também pelo fato do “Trabalho de Campo” ser interdisciplinar, se bem que se adequado e inserido em cada componente curricular do curso pode tornar-se satisfatório quanto à questão de ensino-aprendizagem. E, apenas um entrevistado preferiu não opinar a respeito.

A oitava pergunta do questionário trata das contribuições que o trabalho de campo trouxe para a formação do estudante do Curso de Geografia da UFPB e do futuro profissional.

- Quais as contribuições que o trabalho de campo trouxe para a sua formação como estudante do curso de geografia da UFPB e futuro profissional?

O “Trabalho de Campo” como um instrumento componente das aulas práticas de Geografia ao ar livre é o meio pelo qual o futuro profissional da Geografia tem a oportunidade de apreender os conteúdos geográficos e de aprender a fazer um levantamento de campo com coleta de dados e de informações e de tratar esses dados. É essencial no que diz respeito à facilitação do processo de ensino-aprendizagem a partir da interação entre sujeito/sujeito e sujeito/objeto. Cavalcanti (2011) ressalta essa questão ao dizer que,

O trabalho de campo é concebido como um importante instrumento na formação de professores/pesquisadores, pois se constitui em um meio para desenvolver uma percepção apreciativa sobre o território, num contexto menos formal que o da sala de aula, e para construir alternativas de trabalhos que sejam relevantes para a prática pedagógica em Geografia. (CAVALCANTI, 2011, p. 174).

Está em contato direto e envolvido com o objeto de estudo é a forma pelo qual o sujeito poderá aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, sendo essa a maneira em

que poderá compreender os processos que implicam na configuração do local, o que consequentemente permitirá o desenvolvimento de habilidades, a exemplo, da leitura, da descrição e da interpretação de cartas e da paisagem, que são qualidades fundamentais para a formação profissional.

Com relação às contribuições do trabalho para o futuro professor e futura professora observamos a opinião de uma professora a respeito:

– O “Trabalho de Campo” é importante para o futuro professor e futura professora. Eu acho que isso é aliar a perspectiva do ensino à questão da pesquisa, a esse olhar voltado também para a comunidade, a relação da universidade com a cidade, com o campo. De uma maneira geral, é não perder de vista que uma coisa está diretamente ligada à outra que não existe teoria sem prática e nem prática sem teoria. É justamente conseguir a aliança dessas duas coisas que vai ser o ponto forte do “Trabalho de Campo” para uma experiência profissional e também pessoal mais rica. (Relato de uma professora do Curso de Geografia da UFPB, abril de 2013).

No Quadro 9 a seguir visualizamos os dados levantados a partir das respostas dos alunos referentes a oitava questão.

Quadro 9 – Percentual das respostas dos alunos referentes à oitava pergunta. Quais as contribuições que o trabalho de campo trouxe para a sua formação como estudante do curso de geografia da UFPB e futuro profissional?

Respostas	Percentual (%)	N^a Absoluto
Aquisição de Conhecimentos	74,5	74
Contato com o meio físico	8,5	8
Não soube responder	6,5	7
Poucas contribuições	9,5	10
Sem respostas/branco	1	1

Fonte: Levantamento de campo – março e abril de 2013. Elaboração própria

Quando perguntados a respeito das contribuições do trabalho de campo para a sua formação como futuro profissional de Geografia (74,5%) dos alunos questionados responderam que a maior contribuição dada pelo trabalho de campo foi a “aquisição de

conhecimentos”, pois estar em contato com o meio ambiente a partir da articulação entre teoria e prática foi fundamental para essa aquisição. Para reforçar nossa colocação mostramos a seguir, um relato de um aluno do 7º período a respeito dos benefícios do “Trabalho de Campo” para o saber geográfico:

“O ‘Trabalho de Campo’ deu-me exemplos de como o contato físico é importante para a aprendizagem, posso até falar que o ‘campo’ tem o poder de abrir nossa mente, é mais uma ferramenta importantíssima para o ensino”. (Relato de um aluno do 7ª período do curso de Geografia da UFPB).

A segunda maior resposta para essa questão foi (9,5%) dos alunos alegaram ter adquirido poucas contribuições em decorrência de poucos campos realizados até o período da realização desta pesquisa, e (6,5%) responderam que não sabiam dar uma resposta plausível para tal questão. Observe a seguinte resposta:

“Até o momento por ter tido poucos campos não tenho uma opinião formada a respeito. Mas os poucos que fiz foram de tamanha importância para a fixação do conteúdo dado”. (Relato de uma aluna do 2º período do curso de Geografia da UFPB).

São relatos de alunos do 2ª período do curso de Geografia que estão no início de graduação e que no decorrer do curso, terão a oportunidade de participarem de mais trabalhos de campo e de ampliarem sua experiência trazendo contribuições significativas para a sua formação e capacitação profissional.

Fazendo uma análise detalhada de todas as respostas apresentadas nos questionários foi possível observar que a maioria delas possui uma ligação entre si, como uma grande teia de informações que se inter-relacionam a exemplo de uma das respostas do Quadro 9, que mostra que (8,5%) dos alunos responderam que o “contato com o meio físico faz com que haja a articulação entre teoria e prática gerando assim conhecimento”. Outro exemplo bastante interessante se faz presente no Quadro 3 sobre os pontos fortes encontrados na realização do trabalho de campo que diz que “com a realização do trabalho de campo há o bom envolvimento entre professores e alunos”, que é importante para a formação profissional dos sujeitos que participam dessa prática pedagógica.

3.3 Relato de um trabalho de campo

Este relato consiste em uma amostra de trabalho de campo realizado em parte da Zona Rural dos municípios de Santa Rita e de Lucena - PB, referente à disciplina de Cartografia Temática, do período 2012.2, ministrada pela Prof^a. Dr^a Maria de Fátima de Albuquerque Rangel Moreira. A área delimitada para o estudo abrangeu as Catas Topográficas do Rio Soé e de Mata da Aldeia, ambas com escala de 1: 25.000 da SUDENE, Editadas em 1973, onde foram elaborados: um relatório de campo, um perfil do relevo e um croqui, todos referentes aos trechos delimitados nas referidas cartas para cada grupo de estudo composto pelos alunos da disciplina.

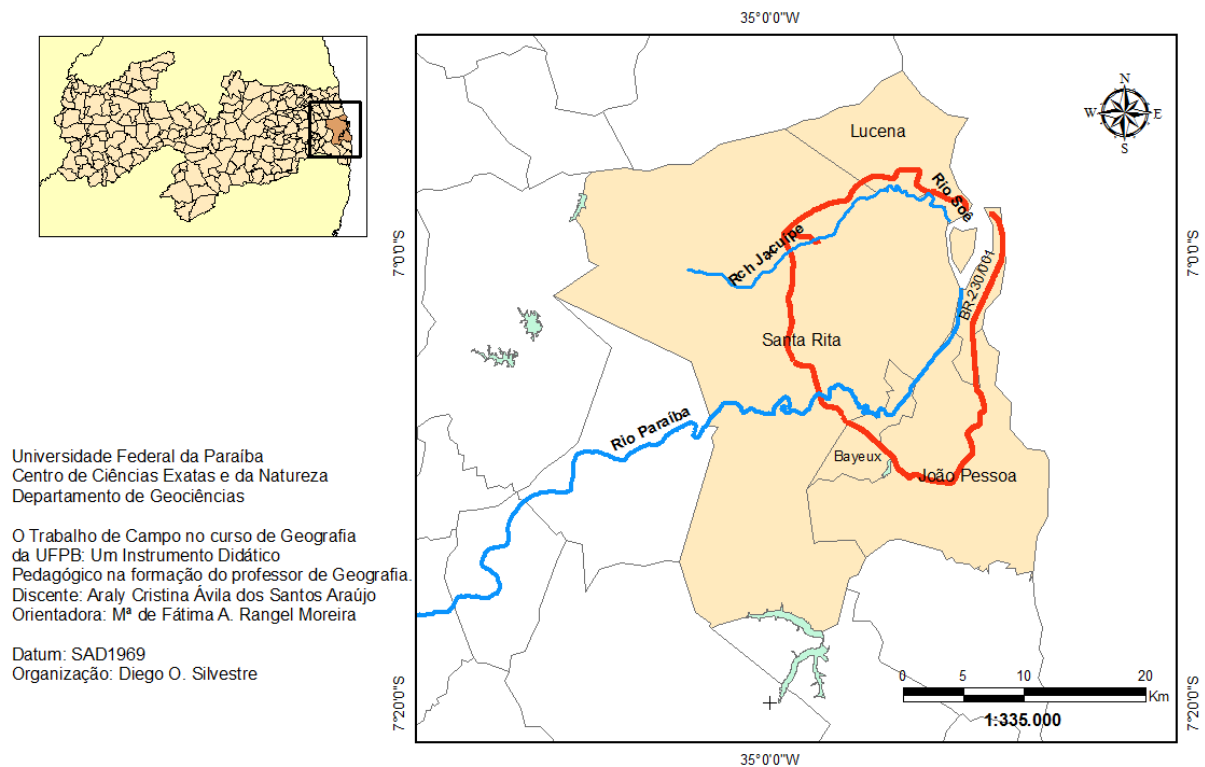
O Trabalho de Campo foi realizado no dia 17 de fevereiro de 2013 após aulas prévias de preparação para o campo com a elaboração de um roteiro de campo junto aos alunos. Em primeiro lugar decidimos o local a ser estudado e preparamos um roteiro com base nas cartas topográficas supracitadas delimitando as áreas de estudo de cada grupo de alunos, anotadas as coordenadas de cada uma dessas áreas em número de 5 (cinco) para a elaboração de um croqui. Posteriormente, após a escolha e delimitação das 5 sub-áreas, foi realizada em classe uma leitura das duas cartas selecionadas mediante um roteiro de leitura de cartas para condução do trabalho de campo, elaborado pela professora da disciplina. Esse roteiro de leitura consta I- dos Aspectos gerais da carta (como: 1- Título; 2- Órgão executor; 3- Ano de edição; 4- Projeção; e 5- Escala), II- da Superfície abrangida pela folha (1-Localização (local); 2- Coordenadas geográficas; e 3- Área em km²), III- dos Aspectos Físicos (1- relevo; 2- hidrografia; e 3- vegetação dominante) e IV- dos Aspectos Humanos (1- Vias de Comunicação e 2- Aglomeração Humana), todos seguidos dos seus sub-itens.

Durante a leitura da carta foram demarcados os cortes no relevo (nas curvas de nível) em cada subárea, para a realização do perfil topográfico.

Concluída essa parte previa de delimitação da área de estudo, da construção do roteiro de campo e da leitura das cartas topográficas, o objetivo do trabalho foi o de levar o aluno a conhecer territórios distintos e ao mesmo tempo complementares; Analisar os efeitos da presença do homem na paisagem a litorânea e na configuração desse território; Eleger um olhar e percepção particular a partir da ciência a qual nos situamos; e Acrescentar notas visuais ao espaço geográfico escolhido.

Os aspectos-chave deste Trabalho de Campo teve como base analisar o papel das distintas variáveis físicas; compreender as paisagens culturais para entender a adaptação aos recursos que o meio oferece; e o choque entre a modernização e os aspectos naturais.

Percurso trabalho de Campo



Mapa 1 – Percurso do Trabalho de Campo; Organização: Diego O. Silvestre (2013)

➤ Principais pontos de observação e descrições das paradas.

O primeiro ponto de observação se deu no Bairro do Róger situado na zona norte de João Pessoa-PB, em que é possível visualizar a área mais baixa do bairro denominada Baixo Roger onde se localizava o antigo depósito de lixo da cidade, o “Lixão do Róger”. Pode-se observar nessa área a expansão de moradias com pouca, ou com nenhuma infra-estrutura sobre a área de mangue. A expansão das cidades no Brasil é segundo Maia (2010),

[...] marcada pelos grandes loteamentos oficiais, destinados às camadas da população de maiores rendimentos, pelos denominados loteamentos irregulares ou clandestinos e ainda pelo surgimento de áreas precárias de habitação de forma irregular denominadas de favelas. (MAIA, 2010).

A realidade dessa área foi marcada em Relatórios de Campo anteriormente realizados por Silvestre (2009) onde mostra duas realidades,

“[...] a primeira realidade, a social, pois grande parte dos moradores dessa região são geralmente, pessoas vindas do interior do Estado na busca de melhores condições de vida ou pessoas desempregadas da própria região, que sem condições de possuírem moradias constroem suas residências nesses locais. A segunda realidade refere-se ao descaso e não cumprimento das leis por parte das autoridades tanto estadual quanto municipal que não se posicionam contra a destruição da vegetação dos manguezais [...]” (SILVESTRE, Diego. 2009, p. 6, Relatório de Campo).

Com relação ao quadro natural, o Róger se caracteriza por apresentar uma falha tectônica onde aflora o calcário “[...] produto de esforços de compressão e tensão sobre o material rígido da crosta traduzido no terreno por deslocamentos ou desnivelamentos, as compressões geralmente são no sentido horizontal”. (PENTEADO, 1980 *apud* SILVESTRE, Diego, 2009. p. 6, Relatório de Campo).

A primeira parada foi sobre a ponte do Rio Paraíba conhecido também por Rio Paraíba do Norte (Figura 2), compreendendo as coordenadas geográficas (7° 06’ 21”) de latitude Sul e (34°57’49”) de longitude Oeste.



Figura 2 – Vista Parcial do Rio Paraíba; Autora: Araly Araújo – Data: 17/02/2013

Nesse ponto podemos observar o nível de assoreamento considerável que ocorre nas margens do Rio Paraíba isto é, o acumulo de sedimentos, causado por diversos processos naturais e antrópicos, em meio aquoso, isso causa também uma espécie de aterramento no local e conforme Moreira et. al., (2010),

Esse assoreamento causa a redução do talvegue do rio que no período de cheia transborda rapidamente causando prejuízo, tanto aos poucos ribeirinhos que moram

as margens do rio quanto a cidades inteiras como Cruz do Espírito Santo, que já foi totalmente devastada pelas enchentes do Rio. Das chuvas irregulares que caem violentamente em determinadas épocas do ano, resultam as súbitas enchentes em forma de enxurradas, correntes que avançam em forma de torrentes de água pluvial barrentas, levando de roldão tudo o que encontram pela frente, inchando seu volume, alargando as margens e causando enormes prejuízos. (MOREIRA et. al., 2010)

Tal fenômeno também ocorre devido à retirada da mata ciliar para o cultivo da monocultura de cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.) até a margem do rio. A mesorregião da Mata Paraibana é a que possui o menor índice de cobertura florestal de mata atlântica com apenas 11,57%. A vegetação se alterna entre a cana-de-açúcar e árvores de pequeno e de grande porte e apresentando também, áreas com solos expostos.



Figura 3 e 4 – Assoreamento do Rio Paraíba; Autora: Araly Araújo – Data: 17/02/2013.

O Rio Paraíba nasce no Cariri, uma das regiões mais secas do país, e deságua na planície costeira, em uma região canavieira. Possui médias anuais pluviométricas de 500 mm mal distribuídos, essa característica segundo Xavier et. al., (2012) “[...] confere ao rio o caráter intermitente em grande parte de seu percurso, o que, associado às demandas hídricas da região, resultou na construção de inúmeros açudes de pequeno, médio e grande porte. (XAVIER, et. al., 2012, p. 16). O Rio Paraíba, situado em um vale de origem tectônica, é o mais importante rio do Estado da Paraíba correspondendo a 18.000km² e representando 32% da área territorial do Estado.

A segunda parada do campo foi sobre a ponte do Rio Jacuípe (Figura 5) na Rodovia Estadual, PB-025, apresentando coordenadas geográficas (07°00’00”) de latitude Sul e (34°59’11”) de longitude Oeste. O Rio Jacuípe, não possui influência marítima, é um rio de água doce, apresentando-se de forma retilínea.



Figura 5 – Rio Jacuípe e Ponte do Rio Jacuípe; Fonte: Google Earth; Adaptação: Araly Araújo – 09/03/2013

De acordo com a carta topográfica do Rio Soé de 1973 a vegetação desta área se caracterizava por vegetação de mata, florestas e bosque, porém a realidade hoje, 2013 é totalmente diferente da carta, pois o que encontramos foram fragmentos dessa vegetação e espaços com áreas devastadas (Figura 6).



Figura 6 – Fragmentos de Mata e Áreas devastadas próximas ao Rio Jacuípe; Fonte: Google Earth; Adaptação: Araly Araújo – 09/03/2013

Essa configuração também se deu devido à expansão da monocultura da cana-de-açúcar que devastou milhares de hectares de mata e se estendeu por quase 100% da área sobre o baixo planalto sedimentar (dos chamados tabuleiros. Essa devastação teve início em 1500 com a chegada dos colonizadores pelo fato de a área de Mata Atlântica estar localizada na porta de entrada dando início aos diversos ciclos de destruição, dentre eles, a exploração do pau-brasil (*Caesalpinia echinata Lam.*) que se estendeu até o início do século XIX, cujo seu declínio se deu com a descoberta de atividades mais lucrativas, como a monocultura da cana-de-açúcar.

No Rio Jacuípe e em seu entorno ainda é possível encontrar uma vegetação de mata ciliar que segue todo o curso deste rio, suas águas se apresentam aparentemente límpidas, porém não muito confiáveis devido à presença de compostos químicos utilizados na cultura canavieira próxima a área do rio.

A terceira parada foi ainda na área correspondente ao Rio Jacuípe sob outro ângulo, o vale do Mangereba, cortado pelo Rio Jacuípe. O rio, nesse ponto ainda se configura de forma linear e o solo possui cor acinzentada, indícios estes de matéria orgânica no local. Juntos, Rios Mangereba e Jacuípe, formam o Rio Soé. Ressaltamos em trabalhos de campo anteriores, 2009, que esta área apresentava formação vegetal mais conservada, com pouca ação antrópica.

Nas Figuras 7 e 8 abaixo visualizamos a ação antrópica no meio através do comércio informal para atender a demanda de pessoas que usam o local para turismo e lazer, isso acaba mudando a configuração do local de maneira significativa.



Figura 7 – Influência da ação antrópica às margens do Rio Mangereba; Figura 8 – Vista sob a ponte do Rio Mangereba; Autora: Araly Araújo – 17/02/2013.

Com o intuito de atender ao objetivo pretendido do estudo, o de analisar os efeitos da presença do homem na paisagem e na configuração desse território pode-se observar que o trecho percorrido se configura por apresentar o cultivo de algumas culturas, as monoculturas da cana-de-açúcar e do coco (*Cocos nucifera L.*), próximos ao Rio Jacuípe, área esta se apresentando inundável devido ao nível altimétrico da região ser quase o mesmo do rio (Figura 9).



Figura 9 – Monocultura do coco e canal de irrigação; Autoria: Araly Araújo – 17/02/2013

Sivestre (2009), no seu relatório de campo anteriormente realizado nessa área, explana bem a respeito do desenvolvimento da cultura do coco, como mostra o seu relato,

O coco desenvolveu-se bem nessa área devido ao fato do mesmo necessitar de 1.500 e 2.000 mm anuais de chuva bem distribuídos, para externar todo seu potencial produtivo, outro fator que contribui muito para seu desenvolvimento foi a temperatura mínima mensal superior a 18°C para vegetar e produzir satisfatoriamente, sendo 27° a temperatura media anual considerada ótima, os solos da região também foram potencializadores do desenvolvimento do coco na região, pois solos com textura arenosa ou areno-argilosa, com profundidade superior a um metro e sem camadas que poderiam impedir o desenvolvimento do sistema radicular das árvores. (SILVESTRE, Diego. 2009, p.16, Relatório de Campo).

Dando continuidade ao Trabalho de Campo, ora exemplificado, a Figura 10 nos mostra que próximo ao cultivo de coco, existe um canal de irrigação paralelo ao Rio Jacuípe, cuja água é retirada do próprio rio. O canal foi construído de maneira irregular e está poluído, o que confirma a atividade antrópica neste local.



Figura 10 – Canal de irrigação do Rio Jacuípe; Autoria: Araly Araújo – 17/02/2013

A quarta parada compreende as coordenadas geográficas ($06^{\circ}57'39''$) de latitude Sul e ($34^{\circ}55'05''$) de longitude Oeste, é a Fazenda Tapira na zona rural do município de Santa Rita (Figura 11).



Figura 11 – Fazenda Tapira; Autoria: Araly Ávila – 17/02/2013.

Esta fazenda possui áreas extensas de plantações de cana-de-açúcar e coco que se estendem até o mangue (*Rhizophora mangle L.*) as margens do Rio Soé.

Em seguida, nossa quinta parada, foi um trecho próximo a Fazenda Tapira que dá acesso ao Rio Soé, apresentando coordenadas ($6^{\circ}57'18''$) latitude Sul e ($34^{\circ}54'50''$) longitude Oeste (Figura 12).



Figura 12 – Rio Soé; Autoria: Araly Araújo – 17/02/2013

Durante todo o caminho de acesso ao Rio Soé contemplamos uma paisagem de mangue que se constitui por apresentar uma formação florestal perenifólia com raízes expostas, característica essa associada a sua sobrevivência devido ao solo ser pobre em oxigênio e rico em silício e enxofre, por conta da quantidade de material orgânico em decomposição. Em geral os mangues se constituem por ser um sistema de transição entre vida terrestre e marinha no qual serve também de berçário para peixes, crustáceos e moluscos. Segundo Troppmair (2004), a localização dos mangues está associada à faixa intertropical junto a enseadas, braços de mar e baías de águas calmas, podendo avançar para o interior de estuários ate onde a água se mantém salobra. (TROPMAIR, 2004).

No caso de haver destruição dos mangues, isso acaba por ocasionar graves consequências, em que podemos citar a quebra da cadeia alimentar marinha, já que as espécies menores servem de alimento para as maiores (Figura 13).



Figura 13 – Mangue próximo ao Rio Soé; Aatoria: Araly Araújo – 17/02/2013

Mesmo sabendo das conseqüências geradas pela destruição dos mangues, foi possível observar uma redução bem significativa desta vegetação no entorno do rio. No caso do Rio Soé, segundo Moreira et. al., (2010),

[...] grande parte de sua vegetação foi extraída para dar lugar a estradas de acesso a destilarias como a Jacuípe e Japungu, e a extensas plantações de cana de açúcar que desde seus primórdios deu-se nas áreas úmidas do Brejo e nas várzeas dos rios do Litoral, só a posteriori com o avanço e inserção de novas tecnologias na agricultura na década de 1970 que a cana irá subir o tabuleiro costeiro. A flora, ou seja, as árvores do manguezal foram também utilizadas para obtenção de madeira para construção de barcos, casas, cercados, armadilhas de pesca, além de servirem para produção de combustível na forma de carvão, para alimentarem as usinas canavieiras. (MOREIRA et. al., 2010)

Outro fato interessante a ressaltar é que a partir do momento em que o rio passa a receber influência marinha, exatamente nos locais onde ocorrem os manguezais, o rio começa a meandar, ou seja, ele passa a apresentar uma sinuosidade no curso da água.

A sexta parada, com coordenadas geográficas (06°57'14”) de latitude Sul e (34°52'39”) de longitude Oeste, compreendeu ao Santuário de Nossa Senhora da Guia, construção do final do século XVI com conclusão na segunda metade do século XVIII. Construção essa obra dos Carmelitas, chegados à Paraíba em 1591, solidificada em rocha calcária, característica essa de todos os santuários presentes no Estado a partir dessa época, possuindo estilo barroco, mais precisamente conhecido por “Barroco Tropical”, por conta de na sua fachada estarem esculpidos frutas típicas da região e plantas silvestres (Figura 14 e 15).



Figura 14 – Escultura em rocha calcária na entrada da Igreja (Barroco Tropical);

Figura 15 – Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Guia;

Autoria: Araly Araújo – 17/02/2013.

A Igreja está localizada em cima de uma falésia morta numa área de preservação ambiental onde foi possível visualizar uma vegetação de restinga⁹ com resquícios de Mata Atlântica, toda a planície costeira, a desembocadura do Rio Paraíba e o Porto de Cabedelo.

De acordo com a carta topográfica do Rio Soé de 1973, a área que hoje se configura por apresentar doze imensos reservatórios, ou seja, a carcicultura que é conhecida por ser

⁹ **Restinga:** depósito arenoso paralelo à linha da costa, de forma geralmente alongada, produzidos por processos de sedimentação, onde se encontram diferentes comunidades que recebem influência marinha, com cobertura vegetal em mosaico encontrada em praias, cordões arenosos, dunas e depressões, apresentando, de acordo com o estágio sucessional, estrato herbáceo, arbustivo e arbóreo, este último mais interiorizado. (Vade Mecum Saraiva / obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a elaboração de Luiz Roberto Curia, Livia Céspedes e Juliana Nicoletti. – 15. ed. atual. e ampl. – São Paulo: Saraiva, 2013.

uma técnica voltada para a criação de camarão em viveiros, antigamente era uma área que apresentava um grande alagado natural (Figura 16). Conforme aponta Moreira et. al. (2010),

A produção de camarão em viveiro, atividade que foi iniciada no Brasil na década de setenta, já se desenvolvia em outros países da Ásia e das Américas Central, do Sul e do Norte, a exemplo de Bangladesh, Vietnã e México. É um mercado seletivo e exigente quanto à qualidade do produto. (MOREIRA et. al., 2010).



Figura 16 – Reservatórios de Carcinicultura; Fonte: Google Earth; Adaptação: Araly Araújo – 17/02/2013

Nesses tanques são criados camarões da espécie *L. Vannamei*, que se adaptou a essa área pelo fato da costa brasileira, em especial o Nordeste, apresentar clima semelhante a da costa do Pacífico, de onde essa espécie é natural, mas apesar de se adaptar bem a esta área, ela é causadora de alguns impactos, Moreira et. al., (2010) ressalta bem essa questão,

Dentre os impactos causados pela carcinicultura no Estado da Paraíba podemos destacar a disseminação da espécie exótica do camarão; aumento da erosão; mudança na paisagem (impacto visual); salinização do solo e, principalmente, do lençol freático, já que os viveiros de camarões foram instalados em terrenos arenosos e outro impacto que podemos destacar é a eutrofização que é fenômeno responsável pelo aumento de matéria orgânica no manguezal pode causar um impacto ambiental negativo quando a eutrofização é sistematicamente repetida e excessiva [...]. (MOREIRA, et. al., 2010).

É importante ressaltar que foi possível visualizar que alguns desses tanques se encontravam em um nível elevado de assoreamento (Figura 17).



Figura 17 – Reservatórios de Carcinicultura com elevado nível de assoreamento; Autoria: Araly Araújo – 17/0/2013

A última parada do trabalho de campo foi às margens do Rio da Guia que possui coordenadas geográficas de (06°57'23'') de latitude Sul e (34°52'55'') de longitude Oeste. Este rio por sua vez, é formado a partir da confluência de três rios, Rio Soé, Rio Tapira (ou Preto) e Tapira (Figura 18 e 19).



Figura 18 – Rio da Guia (lado esquerdo); Figura 19 – Rio da Guia (lado direito); Autoria: Araly Araújo – 17/02/2013.

Neste ponto foi possível visualizar que o Rio da Guia se apresenta exuberante, com sua vegetação na margem direita ainda preservada, contudo a ação antrópica esta presente causando sérios danos à área com o avanço das casas na margem do rio e o despejo de lixo das residências próximas (Figura 20).



Figura 20 – Lixo proveniente das residências próximas à margem do Rio da Guia; Aatoria: Araly Araújo – 17/02/2013

Segundo Moreira et. al., (2010) o avanço das moradias por sobre o mangue nesse ponto é explicado de acordo com quatro fatores: 1 - Oferta quase ilimitada de água, embora a mesma corra risco de poluição com a carcinicultura; 2 - Possibilidade de fácil despejo de rejeitos sanitários e agrícolas; 3 - Pressão do mercado imobiliário, que vendem tais locais como áreas de tranquilidade e beleza singular; e, 4 - Construção de marinas, para atracação de iates de luxos, barcos e jet sky. (MOREIRA et. al., 2010).

A partir das observações e dos estudos realizados antes e durante o trabalho de campo realizada pela disciplina Cartografia Temática foi possível verificar uma mudança significativa na paisagem referente à paisagem que se apresenta na carta do Rio Soé e na carta Mata da Aldeia de 1973, e a realidade encontrada atualmente 2013 *in loco*. Modificações significativas ocorreram na paisagem, tendo como agentes modificadores a expansão da cana-de-açúcar na década de 1970 e a ação antrópica.

A partir da experiência adquirida nesta aula de campo e através de pesquisas realizadas para a elaboração deste relatório percebemos a importância de analisar os aspectos fitogeográficos e ambientais a fim de compreender a interação das espécies para a preservação da biodiversidade local, com a finalidade de manter o equilíbrio do ecossistema ali existente.

Conforme foi observado e retratado no corpo do trabalho, relatamos com o auxílio de fotografias e imagens satélite, o espaço geográfico e evidenciamos as várias formas de interferências antrópicas na região estudada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo fez uma abordagem sobre o Trabalho de Campo como um instrumento didático-pedagógico no curso de Geografia da UFPB e suas contribuições na formação do futuro profissional de Geografia.

Nesse sentido, este estudo confirmou que o Trabalho de Campo é um método eficiente de ensino-aprendizagem na produção do conhecimento da Ciência Geográfica. O que confirmamos com a fala de Cavalcante (2011),

O trabalho de campo, enfim, como um método eficiente na produção da ciência geográfica e na prática de ensino, pode proporcionar aos acadêmicos a oportunidade de confronto com a realidade com as discussões teóricas realizadas em sala de aula, possibilitando a atuação conjunta dos professores/pesquisadores das disciplinas envolvidas e a percepção das interfaces existentes entre elas. (CAVALCANTI, 2011, p.174).

Através do levantamento de campo realizado com as disciplinas objeto de estudo deste trabalho, foi analisado como o Trabalho de Campo se faz presente na realidade do Curso de Geografia da UFPB. No decorrer da pesquisa observamos que o este tem uma função importante no processo de ensino/aprendizagem, visto que, é a partir da prática de campo que é despertado outros conhecimentos nos alunos ao assimilarem o conteúdo previamente visto em sala de aula e relacioná-lo com o que é vivenciando fora do ambiente acadêmico, ou seja, no campo.

Com essa pesquisa foi possível entender a noção que os estudantes do curso de Geografia da UFPB têm a respeito do trabalho de campo como recurso didático, pois se sabe que esse instrumento de pesquisa, “[...] oferece potencialidades formativas que devem ser levadas em consideração no processo de ensino-aprendizagem [...]” (CAVALCANTI, 2011, p. 174) e que pode ser considerado uma das mais importantes fontes de conhecimento geográfico.

Das análises feitas junto aos estudantes e professores do curso de Geografia da UFPB mediante aplicação de questionários e entrevistas, constatamos que o trabalho de campo aliado ao ensino da Geografia é uma ferramenta didática essencial na relação professor/aluno e na aquisição do conhecimento a partir da articulação teoria e prática. Os alunos questionados, incluindo aqueles que alegaram não serem participantes ativos nas realizações desta atividade, deixaram claro ser importante a prática do Trabalho de Campo como aprimoramento para obtenção do saber geográfico.

Didaticamente falando, o trabalho de campo se configura como uma ferramenta essencial de ensino, pois proporciona aos alunos um novo olhar da ciência geográfica adquirindo novas experiências e despertando o interesse pelos conteúdos da geografia tornando esse conteúdo transmitido menos enfadonho e mais atraente, fazendo com que os alunos apresentem um maior empenho em aprender sobre os lugares e os assuntos lecionados.

A partir do que foi exposto neste estudo, podemos concluir que o Trabalho de Campo como recurso didático, na opinião de alunos e professores pesquisados do Curso de Geografia da UFPB, do período 2012.2 é primordial para o ensino de Geografia e para a formação do professor de geografia, pois o Trabalho de Campo é considerado uma ferramenta componente nas aulas práticas de campo complementando assim a teoria e confirmando o processo de ensino-aprendizagem permitindo que os alunos que cursam Geografia possam criar seus próprios conceitos além do desenvolvimento do trabalho coletivo que tal atividade proporciona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENTEJANO, P. R. R. e ROCHA-LEÃO, O. M. **Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado.** In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, SÃO PAULO, n° 84, p. 51 – 67, 2006.

BARRETO, Larissa A. T. M. **O Ensino da Geografia e a Cartografia como Prática Didático-pedagógica nas Escolas de Ensino médio em João Pessoa-PB.** 2012. 53p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, Campus I, João Pessoa – PB.

BATISTA, Jaqueline Brito Vidal. Aprendizagem Significativa de Ausubel. *mimeo.* s/d.

CARLOS, A. F. A. (org.). **Novos caminhos da Geografia.** – São Paulo: Contexto, 2002. – (Caminhos da Geografia).

CAVALCANTI, A. P. B. **Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia.** Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n.2, maio./ago. 2011. Disponível em:
<http://cascavel.ufsm.br/revistageografia/index.php/revistageografia/article/viewFile/181/171>
 Acessado em: 09/02/2013.

CUSTÓDIO, Vanderli. (Org). **Fundamentos teórico-metodológicos do ensino e da pesquisa em Geografia.** Textos selecionados das primeiras publicações da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – GEOGRAFIA (1935-1936) e BOLETIM DA AGB (1941-1944). São Paulo, SP: AGB, 2012. Disponível em:
http://www.agb.org.br/documentos/Vanderli_Custodio_Fundamentos_2012.pdf. Acessado em: 15/02/2013.

Grupo de Estudos Geograficidade Paulistana – GEEP. **O Trabalho de campo no Ensino de Geografia a partir da perspectiva de Graduandos.** In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, SÃO PAULO, n° 91, p. 189-208, 2011 Disponível em:
<http://agbsaopaulo.org.br/sites/agbsaopaulo/files/BPG%2091%20-%20Trajet%C3%B3rias%20de%20Campo.pdf> Acessado em: 22/02/2013.

KAYSER, B. O. **O Geógrafo e a Pesquisa de Campo.** In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, SÃO PAULO, n° 84, p. 93 - 104, 2006.

LACOSTE, Y. **A Pesquisa e o Trabalho de Campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos.** In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA. SÃO PAULO, AGB/SP, N° 84, p. 77 – 94, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 2. ed. São Paulo. Editora Atlas. 1991.

LAURIS, José R. P. **Cálculo da Amostra.** In: 2ª Reunião de Pesquisa Científica em Saúde Bucal Coletiva. USP, 2009. Disponível em:
http://www.fop.unicamp.br/reuniao/downloads/3dia_Lauris_Calculo_Amostra.pdf Acessado em: 04/04/2013.

LAUTENSCHLAGER, Cristiane; KAVALES, Roseli Aparecida; LUDKA, Vanessa Maria e ROCHA, Paulo Sergio Meira. GEOGRAFIA E PRÁTICA DE CAMPO. *In: 8º Encontro de Iniciação Científica, 8ª Mostra de Pós Graduação*. FAFIUV, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ARTIGO-GEOGRAFIA.pdf>. Acessado em: 15/04/2012.

MAIA, Doralice Sátyro. **A periferização e a fragmentação da cidade: loteamentos fechados, conjuntos habitacionais populares e loteamentos irregulares na cidade de Campina Grande-PB, Brasil**. Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, (Universidad de Barcelona.), Vol. XIV, nº 331 (80), 2010. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-80.htm> Acessado em: 09/03/2013.

MARANGONI, A. M. M. C. **Questionários e Entrevistas – Algumas Considerações**. In *Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental*/Luis Antonio Bittar Venturi (org.) São Paulo: Oficina de Textos, 2009, p. 167-174.

MARCOS, Valéria de. **Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma Experiência de Pesquisa Participante**. In: *BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA*. SÃO PAULO: AGN/SP, nº 84, p. 105 – 136, 2006.

MOREIRA, M. F. A. R.; SILVESTRE, D. O.; LIMA, I.M.C.F. **O trabalho de Campo como Prática Curricular Fundamental no Ensino da Geografia**. *Vertentes (UFSJ)*, v. 35.8, p. 46-59, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (org.). **Para onde vai o ensino da Geografia?** São Paulo: Contexto, 1989. – (Coleção repensando o ensino).

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. *TCC: métodos e técnicas*. 2. ed. rev. atual. – Florianópolis: Visual Books, 2011.

POCINHO, Margarida. **Amostras. Teoria e exercícios passo-a-passo. Amostra e tipos de amostragens**. *mimeo*, 2009.
Disponível em: http://docentes.ismt.pt/~m_pocinho/calculo_de_amostras_teorias.pdf
Acessado em: 18/04/2013

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. – **Geografia: pesquisa e ensino**. *In: Novos caminhos da geografia* / Ana Fani Alessandri Carlos (org.) São Paulo: Contexto, 2002, p. 112.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia** / Nídia Nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete. 1ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2007. – (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. BITTENCOURI, Circe Maria Fernandes. NADAI, Elza. KULCSAR, Rosa. **O “Estudo do Meio” como trabalho integrador das Práticas de Ensino**. In: *BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA*. SÃO PAULO, AGB/SP, Nº 70, p. 45 – 52. 1992. Disponível em:
http://agbsaopaulo.org.br/sites/agbsaopaulo/files/BPG_70_Ensino.pdf Acessado em: 22/02/2013.

SERPA, Ângelo. **O Trabalho de Campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica.** In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA. SÃO PAULO, AGB/SP, N° 84, p.7 – 24, 2006.

SILVESTRE, Diego de Oliveira. **Uso, vivência e conservação do meio ambiente em populações tradicionais: uma análise da comunidade quilombola de caiana dos crioulos – Alagoa Grande (PB).** 2011. 100p. Monografia (Conclusão de Curso de Graduação Geografia Bacharelado) – Universidade Federal da Paraíba, Campus I, João Pessoa - PB.

SILVESTRE, Diego de Oliveira. **Relatório de Campo.** Disciplina Cartografia Temática do Curso de Geografia da UFPB. João Pessoa – PB. 2009.

SUERTEGARAY, Dirce M. A. **Pesquisa de campo em Geografia.** GEOgraphia, Ano 4. N° 7. Niterói/RJ, 2002. Disponível em:

<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/78/76> Acessado em: 14/01/2013.

SUDEMA. Superintendência de Administração do Meio Ambiente. **Atualização do diagnóstico florestal do Estado da Paraíba.** João Pessoa: SUDEMA, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. Editora Atlas. 1987.

TROPPEMAIR, Helmut. **Biogeografia e Meio Ambiente.** 6ª edição. Rio Claro: Divisa, 2004.

Vade Mecum Saraiva / obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a elaboração de Luiz Roberto Curia, Livia Céspedes e Juliana Nicoletti. – 15. ed. atual. e ampl. – São Paulo: Saraiva, 2013.

VESENTINI, J. W. **Geografia Crítica e Ensino.** In: **Para onde vai o ensino da Geografia?** /Ariovaldo Umbelino de Oliveira (org.). São Paulo: Contexto, 1989, p. 30-38. – (Coleção repensando o ensino).

XAVIER, Rafael Albuquerque.; DORNELLAS, Patricia da Conceição.; MACIEL, Jadson dos Santos.; BÚ, José Cícero do. **Caracterização do regime fluvial da Bacia hidrográfica do Rio Paraíba – PB.** Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 08, n. 2, pags. 15-28, jul/dez. 2012.

APÊNDICE

LEVANTAMENTO DE CAMPO – 2013
INDICADORES DE EFICIÊNCIA/ENSINO-APRENDIZAGEM/FORMAÇÃO DO
PROFESSOR

Monografia de conclusão de curso intitulada,

“O TRABALHO DE CAMPO NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFPB: UM INSTRUMENTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA”

AUTORA: Araly Cristina Ávila dos Santos Araújo

DISCIPLINA: _____

Entrevista Estruturada com os professores do curso de geografia da UFPB.

- 1- Professor (a), para o senhor (a), qual a importância que o trabalho de campo vem trazer para os estudantes da geografia da UFPB como futuro professor da educação básica?
- 2- Para o senhor (a) Quais seriam os pontos fortes e os pontos fracos do trabalho de campo no curso de geografia da UFPB?
- 3- Do ponto de vista da informação e da aprendizagem geográfica, o senhor vê nos roteiros de campo, conteúdos voltados para a formação dos estudantes do curso de geografia com vistas a sua formação como futuro professor?
- 4- O senhor (a) realiza trabalhos de campo semestralmente na disciplina que o senhor (a) ministra no curso de geografia da UFPB?
- 5- O senhor (a) tem alguma dificuldade na realização do trabalho de campo? Se sim, Quais são as suas dificuldades?
- 6- O senhor (a) gostaria que o trabalho de campo fosse regulamentado como uma disciplina componente curricular incluída no projeto pedagógico curso de geografia PPC? Se sim, como seria o processo de inclusão?
- 7- Em sua opinião, quais as contribuições que o trabalho de campo traz para a formação dos estudantes do curso de geografia da UFPB e para sua vida profissional como professor? Como ele utilizará essa prática no ensino básico?

LEVANTAMENTO DE CAMPO – 2013

INDICADORES DE EFICIÊNCIA/ENSINO-APRENDIZAGEM/FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Monografia de conclusão de curso intitulada,

“O TRABALHO DE CAMPO NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFPB COMO UM INSTRUMENTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA”

AUTORA: Araly Cristina Ávila dos Santos Araújo

DISCIPLINA: _____ PERÍODO: _____

QUESTIONAMENTOS:

- 1- O que levou você a escolher o curso de bacharelado e licenciatura em geografia como opção profissional?
- 2- Qual a importância do trabalho de campo na formação do profissional de geografia?
- 3- Quais são os pontos fortes e os pontos fracos do trabalho de campo no curso de geografia da UFPB?
- 4- Do ponto de vista da informação e da aprendizagem geográfica, os roteiros de campo são condizentes para a formação do profissional de Geografia?
- 5- Você é um participante ativo dos trabalhos de campo realizados no curso de geografia da UFPB?
- 6- Quais são as suas dificuldades durante a realização do trabalho de campo?
- 7- Você gostaria que o trabalho de campo fosse regulamentado como uma disciplina componente curricular do projeto pedagógico do curso de geografia? Se sim, como e por quê?
- 8- Quais as contribuições que o trabalho de campo trouxe para a sua formação como estudante do curso de geografia da UFPB e futuro profissional?